

CARTA DO LÍBANO

EDIÇÃO
ESPECIAL
LÍBANO



MOMENTO DE
REFLEXÃO E
DECISÃO NO
CENTENÁRIO DO
GRANDE
LIBANO

Pamela Zeinoun

A HEROÍNA DO
4 DE AGOSTO,
EM BEIRUTE.
A CORAGEM DO
POVO LIBANÊS
DIANTE DA
TRAGÉDIA



reservas@eurosuihotelcampos.com.br
(12) 3663.7179 - 3663.7189 - 3663.7224
Av. Emílio Ribas, 100, Capivari

FAÇA RESERVA DIRETO COM O HOTEL E GARANTA PREÇOS ESPECIAIS

FOZ DO IGUAÇU



**HOTEL GOLDEN PARK
INTERNACIONAL FOZ**



reservas@goldenparkinternacionalfoz.com.br
Reservas +55 (45) 3521-4100
Rua Almirante Barroso, 2006, Centro
Foz do Iguaçu - CEP 85851-010

CAMPOS DO JORDÃO



UMA PUBLICAÇÃO
DA EDITORA NAÍME

EDITOR E JORNALISTA RESPONSÁVEL
FOUAD NAIME
MTB 79126/SP

PROJETO GRÁFICO E DIREÇÃO DE ARTE
DUSHKA E MAYU TANAKA · ESTUDIO29.COM

EDIÇÃO
MARIO MENDES
TATIANA CASSER CSORDAS

FOTOS
REUTERS

TRATAMENTO DE IMAGENS
ADIEL NUNES

ASSINATURA ANUAL R\$ 400,00

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL

OBSERVAÇÃO AS MATÉRIAS ASSINADAS SÃO
DE RESPONSABILIDADE DE SEUS AUTORES

E-MAIL CONTATO@CARTADOLIBANO.COM.BR

FONE 11 3214.3977

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA
RUA DA CONSOLAÇÃO, 323 - CJ. 908
SÃO PAULO/SP - CEP: 01301-000

WWW.CARTADOLIBANO.COM.BR



NOSSA CAPA
PAMELA ZEINOUN

FOTO
XINHUA PHOTO/BILAL MARIE JAWICH

PAMELA, A HEROÍNA DO 4 DE AGOSTO

Dos escombros da explosão em Beirute, no dia 4 de agosto, surge a capa desta edição, representando a essência da alma libanesa: coragem, garra, sacrifício e amor ao próximo. A enfermeira, na foto carregando três bebês recém-nascidos no hospital São Jorge que pertence à Arquidiocese Ortodoxa de Beirute - no bairro Achrafieh, uma das áreas mais castigadas - contou ter ficado inconsciente com a onda de impacto.

Pamela Zeinoun estava dentro da maternidade e, quando recobrou os sentidos, correu imediatamente até a unidade de terapia intensiva onde estavam cinco recém-nascidos. "Consegui carregar três bebês nos meus braços e um colega carregou os outros dois", disse ela. "Minha única preocupação era mantê-los em segurança por estarem muito fracos".

A enfermeira andou 5 quilômetros, no escuro, por ruas cobertas pelos escombros dos prédios danificados, até chegar a outro hospital, onde encontrou abrigo para os pequenos indefesos.

Comovido com a ação heroica de Pamela, procurei o fotógrafo Bilal Marie Jawich, o autor do instantâneo, em Beirute. Ele me aconselhou a contatar o escritório regional da agência chinesa para qual trabalha, a Xinhua News Agency, no Cairo, Egito.

Fui atendido pela diretora chinesa do escritório, sra. Mía, que providenciou a autorização da agência em Pequim. Três dias depois, recebi não só a autorização como a licença free (sem custo) para a utilização da foto, através da sra. Janaina Silveira, do escritório Xinhua News Agency, no Rio de Janeiro.

Agradeço imensamente a atenção e o profissionalismo da Xinhua News e de todos os envolvidos neste processo, pois foi a melhor imagem que encontrei para expressar que Beirute não se rende. São pessoas verdadeiras como Pamela que decidem o futuro do Líbano. A humanidade hoje precisa de bons exemplos.



FOUAD NAIME
EDITOR

FOTO: MARTA SANTOS

A FUNCEB SOLIDÁRIA AO LÍBANO

MOVIMENTO GENERAL DE EXÉRCITO GABRIEL ESPER



BANCO BRADESCO

Agência: 099
Conta-Poupança: 302324-9
CNPJ 62.370.887/0001-67

PORTAL PARA DOAÇÃO

[http://www.cdbl.com.br/
2020/08/08/entidades-se-
reunem-por-auxilio-ao-libano/](http://www.cdbl.com.br/2020/08/08/entidades-se-reunem-por-auxilio-ao-libano/)

A Fundação Cultural Exército Brasileiro convoca todos os seus amigos a colaborar com o Líbano nesse momento dramático de sua história. Em homenagem ao grande militar brasileiro de origem libanesa, recentemente falecido, que serviu nas Missões de Paz no Oriente Médio, denominamos essa ação “Movimento General de Exército Gabriel Esper”. Para tanto, foi aberta uma conta-poupança emergencial, em nome da Câmara de Comércio Brasil-Líbano,

que concentrará os eventuais fundos com total transparência e prestação de contas. Os valores arrecadados serão destinados à compra de alimentos, medicamentos e outros artigos de urgência indicados pelas autoridades libanesas. Ao mesmo tempo em que se providencia estrutura logística para armazenagem e despacho.



SUMÁRIO

ANO 26 • NÚMERO 178 • 11.2020

CARTA DO
LIBANO

10 | Beirute não se rende

18 | Emmanuel Macron
Diante de um Líbano furioso

24 | O importante conceito de neutralidade do patriarca maronita cardeal Bechara el-Rai

26 | Michel Temer
Os bastidores da missão oficial Brasil-Líbano

32 | Do território mítico ao Grande Líbano

40 | Lady Yvonne Sursock Cochrane
A grande dama de Beirute

46 | Roberto Duailibi
100 anos de uma nação milenar

50 | Joseph Sayah
A promessa do Líbano para a paz no mundo

54 | Fernando Mitre
A fênix está viva

58 | Nizan Guanaes
O Líbano dentro de mim

62 | Guilherme Afif Domingos
Os filhos do Grande Líbano no Brasil

65 | Mensagem do cônsul honorário Makram Said

65 | Mensagem do cônsul honorário Hanna Mtanios Hanna Júnior

66 | José Roberto Tadros
O Líbano está em nossos corações

69 | Mensagem do cônsul honorário Eid Toufic Anbar

69 | Mensagem do empresário Antoine Daher

70 | Paulo Skaf
Além da solidariedade diplomática

72 | Dom Theodore Elias Ghandour
Pelo espírito de união e coexistência

74 | Edmo Atique Gabriel e Silvia Morani Massad
Líbano visto pela nova geração

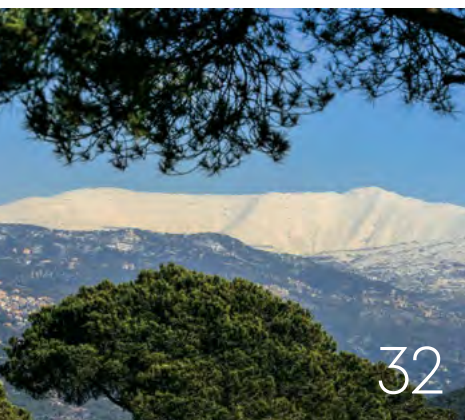
78 | Carol Maluf
É preciso devolver o Líbano a quem é de direito

82 | Albino Castro
Alma francesa do amado Grand Liban

88 | Roberto Habib
Líbano 1920/2020

90 | Alfredo Karam
Um "Viva!" para o povo libanês

92 | Katia Hakim Chalita
Uma grande civilização



ASSINE JÁ
E RECEBA
EM CASA

Nossa missão é resgatar nossa história, promover nossa cultura e valorizar nossa gente. Contribua com este trabalho assinando ou presenteando com uma assinatura anual da revista Carta do Líbano. Agradecemos sua colaboração

NOME
E-MAIL TEL.
ENDEREÇO
CEP CIDADE ESTADO

CARTA DO
LIBANO

Para tornar-se assinante, preencha a ficha acima e envie para a nossa sede
Rua da Consolação, 323, conj. 908 - Cep: 01301-000 - São Paulo/SP
ou para o nosso endereço eletrônico contato@cartadolibano.com.br

ASSINATURA ANUAL NO BRASIL R\$ 400 | ASSINATURA ANUAL NO EXTERIOR US\$500
DADOS PARA DEPÓSITO BANCO BRADESCO · AGÊNCIA 0095 · CONTA CORRENTE 21114-1



A força do empreendedor brasileiro.

f rça

Ser um
país mais
forte
depende
de todos nós.
**Estamos
prontos!**

sebrae.com.br / 0800 570 0800



ESPECIAL
LÍBANO

BEIRUTE NÃO SE RENDE

Em um ano marcado pela pandemia global e por convulsões sociais e políticas, que colocaram seus habitantes em protestos nas ruas, a capital libanesa sofreu outro duro golpe. Porém, a catástrofe que destruiu e matou sinaliza mais um recomeço para a cidade que se reinventa desde a Antiguidade

FOTOS: AFP



Com máscaras, voluntários saíram às ruas depois da explosão no porto de Beirute para remover os destroços e ajudar nos reparos das casas danificadas. Abaixo: Visão da região portuária de Beirute, dias depois do desastre que matou mais de 200 pessoas na cidade



“A linda e conturbada Beirute é uma das cidades mais antigas do mundo - fundada pelos fenícios no século 15 a.C.”

Na terça-feira, 4 de agosto de 2020, uma gigantesca explosão aconteceu nos armazéns situados no porto de Beirute, capital libanesa, matando mais de 220 pessoas, ferindo outras 6000 e deixando cerca de 300 mil desabrigadas. A onda de choque desencadeada estilhaçou janelas, danificou casas e edifícios e fez o chão estremecer como em um abalo sísmico.

“O que estamos testemunhando é uma enorme catástrofe”, afirmou o diretor da Cruz Vermelha no Líbano, George Kettani, à rede de TV Mayadeen. “Há vítimas e mortos por toda parte”, informou

Horas depois do acidente, ocorrido por volta das 18h (horário local), um incêndio ainda ardia no distrito portuário, projetando seu brilho alaranjado no céu noturno, enquanto helicópteros sobrevoavam o local e sirenes de ambulância soavam por toda a capital. Pelas ruas, pessoas atordoadas, feridas e chorando em estado andavam à procura de parentes, amigos ou de suas casas, que não existiam mais. Os mais velhos lembraram-se imediatamente dos bombardeios vividos durante a guerra civil, entre 1975 e 1990.

Nas redes sociais, imagens da explosão compartilhadas por moradores mostravam uma coluna de fumaça saindo do porto, seguida por uma enorme bola de fogo e uma nuvem branca, como um cogumelo atômico. Pessoas que registravam o incidente, a partir das janelas de edifícios altos a 2 quilômetros de distância, foram arremessadas para trás pela onda de choque.

Um navio da força-tarefa marítima da ONU, atracado no porto de Beirute, sofreu danos e alguns militares da força de paz sofreram ferimentos, disse a Força Interina das Nações Unidas no Líbano (Unifil).

Segundo o Exército libanês, a explosão atingiu cerca de 61 mil casas e 19 mil sedes de empresas,

além de 1.137 unidades de patrimônio, 962 restaurantes, 82 instituições de ensino e 12 hospitais.

Ao todo, o desastre teria custado ao Líbano cerca de US\$ 15 bilhões, de acordo com estimativas do governo.

BELA E COBIÇADA

A linda e conturbada Beirute é uma das cidades mais antigas do mundo - fundada pelos fenícios no século 15 a.C. - sempre cobiçada por povos e civilizações que já nem existem mais. Foi objeto de desejo e conquista de gregos, romanos - que a chamaram de Júlia Augusta Felix “Berytus”, em homenagem à mulher de Augusto César - e bizantinos. Era famosa no mundo antigo por sua escola de Direito e, durante o século 6, entrou em decadência depois de uma série de violentos terremotos, até ser conquistada pelos árabes, no século seguinte.

Está localizada em uma península no mar Mediterrâneo, sendo um ponto de confluência entre a Europa, o norte da África e o Oriente Médio. Atualmente, cerca de 2 milhões de pessoas vivem na grande Beirute. O Líbano, nos últimos meses, tem enfrentado uma séria crise política e econômica além do aumento de casos de Covid-19.

Nas horas que se seguiram à explosão de agosto, equipes de resgate procuravam por sobreviventes entre os destroços, enquanto investigadores falavam em negligência como provável causa do enorme desastre. A nuvem de fumaça chegou até a ilha mediterrânea de Chipre, localizada a cerca de 160 quilômetros.

UM PAÍS À DERIVA

Michel Aoun, presidente do Líbano, declarou que 2.750 toneladas de nitrato de amônio - usado na produção de fertilizantes e na fabricação de bombas - estavam armazenadas há seis anos em um armazém do porto, sem as devidas medidas de segurança. Em pronunciamento à nação, Aoun lamentou: “Nenhuma palavra pode descrever o horror que

O músico Raymond Essayan toca piano em seu apartamento destruído pela explosão. Ele decidiu terminar uma composição iniciada em 2018 e gravá-la em homenagem a Beirute. Abaixo, a rua onde fica o ateliê do estilista libanês Zuhair Murad, próxima ao porto, foi arrasada pela explosão



“Ao todo, o desastre teria custado ao Líbano cerca de US\$ 15 bilhões, de acordo com estimativas do governo”



atingiu Beirute na noite passada”. O gabinete presidencial decretou duas semanas de estado de emergência na cidade.

Fontes oficiais, com informações sobre investigações preliminares, afirmaram que “nada foi feito” pelos comitês e juizes encarregados pela carga explosiva armazenada no porto, a fim de ordenar sua remoção, o que teria evitado a tragédia.

Parentes das vítimas se reuniram em frente ao porto buscando informações sobre os que ainda não haviam sido identificados. Muitos dos mortos eram funcionários portuários e alfandegários, pessoas que trabalhavam na área ou circulavam na área.

A Cruz Vermelha e o Ministério da Saúde libanês coordenavam a instalação de necrotérios, uma vez que a estrutura dos hospitais entrou em colapso.

A reconstrução pós-guerra civil e a corrupção política sistêmica atolaram o Líbano em dívidas gigantescas, deixando a economia do país à deriva.

A crise se agravou ainda mais com a explosão, que também destruiu o único grande silo de grãos do país - com capacidade para 120 mil toneladas - aumentando as preocupações com uma provável escassez de alimentos. Anos atrás, planos para a construção de um segundo silo no porto de Trípoli, o segundo maior porto do país, foram arquivados por falta de recursos, segundo a agência de Alimentação e Agricultura da Organização das Nações Unidas. Com uma população estimada em 6 milhões de pessoas, o Líbano importa quase todo o trigo que consome.

Entre os edifícios danificados ou destruídos no desastre estavam mais de 82 escolas. Um dos muitos fatores - além da pandemia - que ameaçam um ano escolar acidentado ou inexistente para muitos estudantes no Líbano. Segundo a ONG International Rescue Committee (IRC), cerca de um quarto das crianças em idade escolar em Beirute estão na iminência de perder o ano letivo. “Com 82 escolas danificadas pela explosão de Beirute, pelo menos uma em cada quatro crianças na cidade correm o



“O Exército libanês informa que 459 entidades e associações registradas auxiliam a população de Beirute”

risco de perder sua educação”, diz um comunicado da organização.

A SOLIDARIEDADE VEIO ATÉ DO ESPAÇO

Em visita oficial ao Líbano, o presidente da França, Emmanuel Macron, prometeu a uma população furiosa nas ruas de Beirute que a ajuda financeira para reconstruir a cidade não irá parar em “mãos corruptas”. E pediu às autoridades políticas o compromisso de realizarem reformas urgentes, ou correm o risco de mergulhar o país em uma crise ainda mais profunda.

“Estou aqui hoje para propor um novo pacto político”, declarou o presidente francês, que usava uma gravata preta em sinal de luto e foi recebido na rua Gemmayzeh, uma das mais danificadas da cidade, por uma multidão aos gritos contra o establishment político e a corrupção.

Macron estabeleceu um prazo até o final de outubro para que os políticos libaneses implementem as reformas. Caso contrário, o auxílio financeiro será suspenso e sanções serão impostas mais adiante, se forem comprovados casos de corrupção.

Muitos desabrigados na área da grande Beirute puderam sair da cidade, recorrendo às casas de veraneio que possuem nas montanhas. Outros foram acolhidos por familiares e amigos. No entanto, a maioria ficou completamente desamparada, sem ter para onde ir.

Aqui entrou em ação o Beirut Crisis Shelters - organizado por funcionários do Google no país - auxiliando pessoas a encontrar abrigo temporário. Através de ferramentas digitais, a equipe compilou em um mapa os locais que passaram a receber pessoas e famílias afetadas pela explosão. Na lista estão hotéis, pensões, escolas, locais de culto, abrigos oferecidos por ONGs e até imóveis que se encontram desocupados. Os dados são atualizados semanalmente.

Além disso, em todo o mundo, celebridades, figuras públicas, ativistas e empresas se encarregaram de organizar doações e operações de auxílio à população da capital libanesa. O apoio veio até mesmo do espaço, com um astronauta tuitando uma mensagem de solidariedade a Beirute.

Esses são os países que acolheram o Líbano e seu povo, estendendo uma mão amiga generosa:

Argélia, Armênia, Austrália, Bangladesh, Brasil, Canadá, Chile, Chipre, República Tcheca, Dinamarca, Egito, Finlândia, França, Alemanha, Grécia, Irã, Iraque, Itália, Jordânia, Cazaquistão, Kuwait, Marrocos, Holanda, Noruega, Palestina, Polônia, Qatar, Rússia, Arábia Saudita, Sri Lanka, Suíça, Tunísia, Turquia, Emirados Árabes, Inglaterra, Estados Unidos, Maurítania, Bahrein, Hungria, Omã, Romênia, Coreia do Sul, Suécia, Malta e Portugal.

Além de órgãos instituições internacionais como União Europeia, Organização das Nações Unidas, Programa Mundial de Alimentos, Organização Mundial da Saúde, IFRC (Federação Internacional das Sociedades da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho), Banco Mundial e Fundo Monetário Mundial.

O Exército libanês informa que 459 entidades e associações registradas auxiliam a população de Beirute com alimentos, medicamentos e apoio para a reconstrução das habitações danificadas pelo desastre.

Marwan Rechmaoui, renomado artista plástico libanês que já participou da Bienal de São Paulo, teve alguns de seus trabalhos perdidos quando a galeria que o representa foi destruída na catástrofe. Agora ele prepara uma série de obras utilizando destroços deixados pelo desastre e pretende realizar uma exposição ainda este ano. Em declaração ao jornal brasileiro “Folha de S. Paulo”, Rechmaoui disse: “A explosão me assegurou que Beirute não está mais lá, e que uma nova cidade está surgindo. Não que o novo seja necessariamente melhor. Vamos ver o que podemos fazer”. ■



A paisagem desolada, vista do interior de uma igreja, da área atingida pela explosão. Acima, no aeroporto de Beirute, o ministro alemão das Relações Exteriores, Heiko Maas, entrega a George Kettaneh, funcionário da Cruz Vermelha Libanesa, um cheque de um milhão de euros - parte dos 20 milhões de euros do auxílio emergencial do governo alemão para as famílias libanesas afetadas pela catástrofe.



ESPECIAL
LÍBANO

EMMANUEL MACRON DIANTE DE UM LIBANO FURIOSO

Os laços históricos e políticos que ligam Líbano e França são fortes e ancestrais. Os dois países vivem agora um momento diplomático delicado, quando antigos compromissos e acordos podem decidir o futuro de uma nação em crise



O presidente da França, Emmanuel Macron, durante a visita ao porto de Beirute devastado pela explosão. Abaixo, o presidente francês, Emmanuel Macron, entre o presidente do Líbano, Michel Aoun, e o presidente do parlamento libanês, Nabih Berri, durante almoço oferecido no Palácio Presidencial, em Baabda.

FOTOS: AFP

“Macron foi saudado aos gritos de “Viva a França!” e “Liberte-nos do Hezbollah!”, no bairro Gemmayzeh”

A visita do chefe de estado francês a Beirute, na quinta-feira 6 de agosto - dois dias depois das explosões que assolaram a cidade já devastada pela crise econômica - transformou-se em um verdadeiro plebiscito político. Saudado como herói, Emmanuel Macron mostrou-se solidário com o povo e firme com os líderes do governo libanês.

“Porque é o Líbano, porque é a França”. Foi nestes termos que Macron iniciou sua visita, depois de ser saudado pelo presidente libanês Michel Aoun. Declarou ter ido ao país para levar “um testemunho de apoio, amizade e solidariedade fraterna aos libaneses”, reafirmando a longa relação privilegiada entre as duas nações.

Mas a visita humanitária, a um dos atuais teatros de emergência mundial, assumiu um rumo muito político, provavelmente muito maior do que os serviços do palácio do Elysée haviam previsto.

Evidentemente, Macron fez questão de enfatizar o caráter diplomático da viagem, aproveitando a oportunidade para estabelecer um “diálogo de verdade”, “franco” e de “exigências” com os líderes políticos locais. Porém, ele certamente não esperava ser saudado nas ruas arrasadas do bairro de Gemmayzeh por uma multidão, aos gritos de “Viva a França!”, “Liberte-nos do Hezbollah!” e “Você é nossa única esperança!”

Vitimada pelo desastre enquanto a crise econômica se intensificava no país, a população revoltada com a classe política em geral parecia enxergar o líder francês como a última salvação. “O Líbano é seu filho”, repetiu um morador várias vezes. Enquanto, em meio aos protestos, um homem chegou a ser detido por exigir “tutela

internacional” para o país. “Não cabe a mim fazer isso, e sim a você”, retrucou Macron, cauteloso.

ALÉM DA LIGAÇÃO HISTÓRICA

Em mangas de camisa e gritando para ser ouvido, Macron, no entanto, colocou-se claramente ao lado da multidão. “Compreendo a sua ira”, disse ele, afirmando que se sentia “obrigado a sentar-se” com os dirigentes políticos e prometendo “responsabilizá-los”. É um exercício perigoso ser acolhido como libertador por um país soberano e vigiado de perto por potências regionais, como o Irã e Arábia Saudita.

Além disso, no mês anterior, a visita do ministro francês das Relações Exteriores, Jean-Yves Le Drian, havia provocado comentários contundentes do primeiro-ministro libanês, Hassan Diab, que acusou o chanceler estrangeiro de “falta de informação” sobre as reformas implementadas pelo poder em Beirute. Em reação, o ministro das Relações Exteriores do Líbano renunciou alguns dias depois, criticando a inércia do governo.

“A FRANÇA NÃO PODE ABANDONAR O LÍBANO”

Neste país dividido, a grande maioria dos aplausos recebidos por Emmanuel Macron veio, sem dúvida, das comunidades cristãs, em particular francófilas e francófonas. Porém isso não tira o valor da relação especial existente entre França e Líbano. “Esta visita é antes de tudo o desempenho de um papel para a França, de um elo histórico”, reconheceu Jean-Paul Chagnollaud, diretor do Instituto de Pesquisas e Estudos do Oriente Médio Mediterrâneo (iReMMO). “A França não pode abrir mão do Líbano, pois foi ela que o criou, exatamente cem anos atrás.”



Macron visitou o bairro de Gemmayzeh, castigado pelo desastre, e foi recebido por um protesto popular contra a classe política do país, acusada pela multidão de corrupta e negligente

“Ao deixar o Líbano, Macron tuitou em árabe: “Eu te amo, Líbano”, verso de um sucesso da cantora Fairouz”

De fato, em 1º de setembro de 1920, a França proclamou a criação do Estado do Grande Líbano por um mandato da Liga das Nações - o equivalente na época ao que hoje é a ONU. A nova nação foi administrada pela França até 1943, transmitindo seu idioma, seu modelo de educação e sua cultura institucional. Nas horas que se seguiram ao desastre no porto de Beirute, as reações unânimes da classe política francesa em favor da ajuda ao “país irmão” mostraram o vigor deste vínculo que se tornou algo quase natural.

Decidido em poucas horas, o envio de equipes de resgate, medicamentos e divisões policiais não gerou debate na noite da tragédia. “Porque somos nós, porque somos vocês”, segundo as palavras do presidente Macron aos libaneses.

Geopoliticamente, o Líbano é também a última âncora francesa no Oriente Médio, onde Paris perdeu sua posição desde 2013 com o fracasso do plano ocidental de intervir na guerra da Síria, o que abriu uma oportunidade para a Rússia.

“Este link existe, mas tome cuidado para não ir muito longe ao declará-lo”, avisou Jean-Paul Chagnollaud. O risco é dar motivo para denúncias de ingerência ou paternalismo pós-colonial. Teria Emmanuel Macron ido longe demais nessa direção? Em todo caso, ele mostrou determinação ao assumir a liderança na “cooperação europeia internacional”, mostrando firmeza em relação à liderança libanesa.

“Devem ser tomadas iniciativas políticas fortes para combater a corrupção, para impor transparência, para realizar as reformas necessárias”, declarou ele, no palácio presidencial de Baabda, após encontro com os líderes do Líbano.

Essas reformas tão esperadas condicionam o auxílio europeu planejado para 2018 durante

a conferência de Cedre, bem como os subsídios do FMI. “Cabe agora aos dirigentes em exercício e ao povo soberano implementar essas decisões extraordinariamente urgentes que, para mim, devem constituir um novo contrato político que é essencial”, acrescentou Macron.

Um encontro com representantes da sociedade civil encerrou esta jornada, que sem dúvida permanecerá como um dos momentos decisivos da política externa do mandato de cinco anos.

Ao deixar o Líbano, Macron tuitou em árabe: “Eu te amo, Líbano”, verso de um sucesso da cantora Fairouz.

A SEGUNDA VISITA DE MACRON

No centro dos esforços internacionais para pressionar os líderes libaneses no combate à corrupção e na tomada de outras medidas para estabilizar o país, o presidente francês iniciou sua segunda viagem na noite de segunda-feira, 31 de agosto, com um encontro com a cantora Fairouz, grande diva e, sem dúvida, um dos últimos símbolos da unidade do país.

Fairouz recebeu do presidente a Legião de Honra, a maior comenda oficial da França, um reconhecimento do povo francês do compromisso da artista com o Líbano.

Macron quis ver de perto a situação em Beirute para entender as necessidades locais. Pela manhã, visitou o local onde está ancorado o porta-helicópteros Tonnerre, que colabora na entrega do auxílio humanitário francês ao Líbano.

Ele também viajou para a Reserva Natural de Jaj, no distrito de Biblos, onde plantou um cedro, símbolo do país, para marcar o centenário da criação do Estado do Grande Líbano. Além disso, conversou com os principais líderes locais durante um almoço no palácio presidencial, em Baabda. ■



Em gesto diplomático e de homenagem ao Grande Líbano, o presidente francês, planta um cedro com membros da ONG Jouzour Loubnann, na reserva de Jaj, no distrito Biblos. Acima, a lendária cantora libanesa Fairouz, foi condecorada pelo presidente Macron com a Legião de Honra, a maior comenda oficial da França

FOTOS: REEMA RAHIBANY E AFP



ESPECIAL
LÍBANO

cardeal Bechara Boutros al-Rai

O IMPORTANTE CONCEITO DE NEUTRALIDADE DO PATRIARCA RAI

Líder religioso apela para o bom senso e a tradição diplomática libanesa a fim de diminuir tensões, aliviar a crise e estabilizar o país

O patriarca maronita, cardeal Bechara Boutros al-Rai, tem reiterado o apelo para que o Líbano implemente uma política de neutralidade, advertindo que, caso contrário, desestabilizará

ainda mais o pequeno país mediterrâneo que vive uma grave crise política, econômica e humanitária.

Trata-se da pior ameaça à sua estabilidade desde a guerra civil de 1975-1990. Além de décadas de corrupção estatal e má gestão por parte da elite governante sectária, há também a presença no poder da milícia Hezbollah, aliada do Irã, o que levou os árabes da região do Golfo a retirarem seu apoio ao Líbano, prejudicando uma importante aliança política.

Rai alertou sobre os perigos de uma nova guerra civil ou de um estado falido, caso o Líbano não se mantenha neutro diante dos muitos conflitos

regionais. “Nosso apelo à neutralidade é evitar qualquer um ou todos esses cenários fortalecendo e preservando a soberania e estabilidade do Líbano”, declarou o patriarca, destacando seu conceito de “neutralidade ativa”. Durante semanas, ele tem defendido essa posição devida principalmente à precária situação econômica libanesa.

Segundo o patriarca, o conceito de neutralidade remonta a 1943, “quando o governo de independência declarou que o Líbano aderiria à neutralidade entre Oriente e Ocidente”, durante a Segunda Guerra Mundial. O compromisso do país com este conceito foi abalado depois de uma série de conflitos que o assolaram, incluindo a ocupação israelense, a presença de grupos armados palestinos e do exército sírio e, finalmente, a propagação da revolução islâmica do Irã através de servidores digitais do Hezbollah.

O conceito de neutralidade ativa do patriarca

O patriarca maronita, cardeal Bechara Boutros al-Rai, defende a política de um Líbano neutro a fim de proteger o país dos conflitos externos na região



Rai baseia-se em “três dimensões interconectadas, complementares e indivisíveis”.

A primeira está enraizada na “recusa definitiva do Líbano em aderir a coalizões, eixos, conflitos políticos e guerras tanto regional quanto internacionalmente, incluindo a recusa de qualquer estado de interferir em seus assuntos”.

Na segunda, ele pede que o país busque “solidariedade com as causas dos direitos humanos e da liberdade, especialmente as causas árabes”, enquanto define os “direitos legítimos do povo palestino e trabalha por uma solução justa e equitativa para seus refugiados”.

Finalmente, o terceiro elemento gira em torno do “fortalecimento do estado libanês por meio de suas várias instituições, que incluem o setor militar e os poderes judiciário, legislativo e executivo”. Ao fortalecer o estado, o Líbano garantirá “unidade, paz e justiça universal para os cidadãos”.

Para o patriarca Rai as políticas atuais do Líbano se afastam de sua política externa tradicional e abalam “a solidariedade entre os países árabes, em favor de estratégias que servem a regimes (não árabes) em vez de interesses árabes comuns”.

Ele conclui que a “ideia de neutralidade foi reiterada em vários discursos presidenciais,

plataformas de gabinete e em todas as declarações emitidas pela Comissão de Diálogo”. Isso levou à proclamação da Declaração Baabda em junho de 2012, “aprovada por unanimidade e destacando a neutralidade do Líbano”.

A declaração foi protocolada na ONU como documento oficial do Conselho de Segurança e da Assembleia Geral. Desde 2005, e mais recentemente com o secretário-geral da ONU, António Guterres, as Nações Unidas têm pedido que o Líbano cumpra as resoluções do Conselho de Segurança, dissolva todas as milícias, incluindo o Hezbollah, e resolva as disputas fronteiriças pendentes com Israel e Síria. ■

“Nosso apelo à neutralidade é evitar qualquer um ou todos esses cenários fortalecendo e preservando a soberania e estabilidade do Líbano”

FOTO: DALATI & NOHRA



ESPECIAL
LÍBANO

OS BASTIDORES DA MISSÃO OFICIAL BRASIL-LIBANO

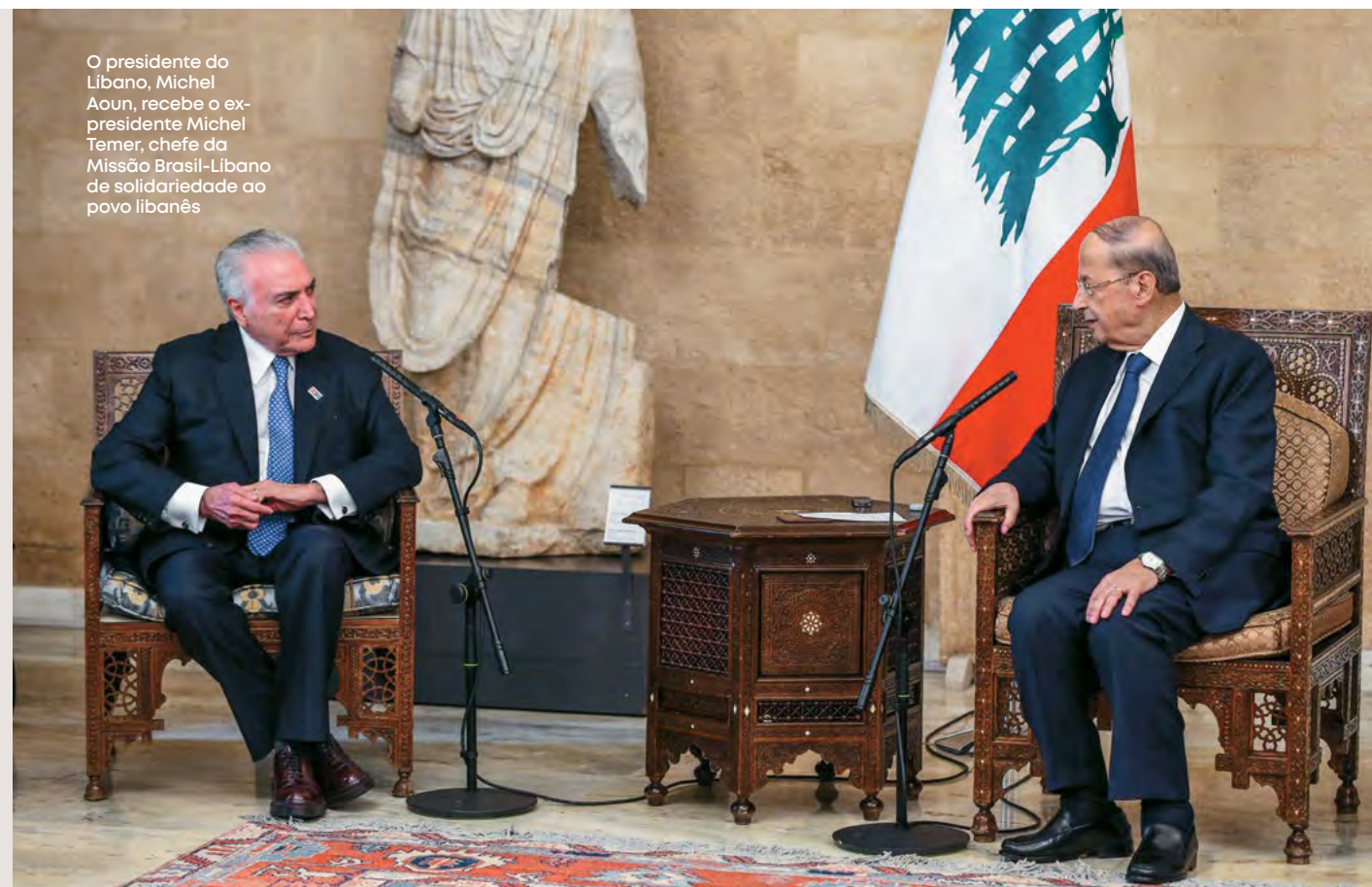
Ex-presidente Michel Temer revela os detalhes da viagem que levou o auxílio humanitário brasileiro aos libaneses, após a explosão ocorrida em agosto

No ano em que comemora cem anos de sua independência, o Líbano viveu uma de suas maiores tragédias. Acometido pela mais grave pandemia da atualidade, agravada por problemas econômicos e políticos, o país sofreu na tarde do dia 4 de agosto uma explosão em Beirute que abalou as estruturas da capital e de todo o país. A tragédia, causada pelo armazenamento inadequado de nitrato de amônio, deixou 60 mil casas destruídas, 300 mil desabrigados, mais de 6 mil feridos e 220 mortos, em um rastro de destruição que alcançou 4 a 5 quilômetros de distância do Porto de Beirute.

Os efeitos da explosão também foram sentidos pela nação mais libanesa do mundo, o Brasil, que tem entre seus habitantes 10 milhões de pessoas nascidas no Líbano ou seus descendentes. O número é bem maior do que as 4 milhões de pessoas que formam a população do próprio país. Consternados, os brasileiros se uniram à mobilização mundial para ajudar o povo que representa sua origem. A ajuda veio de todas as partes, inclusive a oficial com uma missão humanitária que chegaria ao Líbano com toneladas de mantimentos e medicamentos. O ex-presidente Michel Temer, filho de libaneses, recebeu a incumbência de chefiar essa missão. Para relatar como foi essa missão e o que ainda vem sendo

FOTOS: DALATI & NOHRA E AGÊNCIA BRASIL

O presidente do Líbano, Michel Aoun, recebe o ex-presidente Michel Temer, chefe da Missão Brasil-Líbano de solidariedade ao povo libanês



O presidente Jair Bolsonaro dispensou atenção especial à tragédia libanesa e compareceu no aeroporto durante a partida do ex-presidente Michel Temer e da comitiva brasileira para Líbano



“Durante a visita ao local da explosão, Temer observou a mobilização internacional de auxílio ao Líbano”

feito pelo país, Temer recebeu o editor da Carta do Líbano, Fouad Naime, em uma entrevista recheada de detalhes e com a emoção de quem viu a tristeza e a destruição na terra de seus ancestrais.

A missão, realizada entre os dias 12 e 15 de agosto, marcou a terceira visita de Temer ao Líbano. Quando era presidente da Câmara dos Deputados, em 1996, o político havia realizado sua primeira viagem ao país, ocasião em que na cidade de seus pais, Btaaboura, e se encontrou com o ex-presidente libanês Elias Hrawi. Na segunda visita, em 2010, Temer ocupava a vice-presidência do Brasil e, agora, em 2020, o resgate de suas origens estava ao lado da tristeza e da solidariedade.

“Depois do desastre, o presidente Bolsonaro pediu que me telefonassem para saber se eu aceitava chefiar uma missão para Líbano, uma missão humanitária, e como eu aceitei, logo em seguida - no domingo, 8 de agosto - em uma reunião virtual com membros da ONU, ele comunicou que estaria designando essa missão comandada por um ex-presidente da República e descendente de libaneses”, relata Temer.

A viagem foi organizada entre os dias 10 e 11 e, na quarta-feira, o grupo já se reuniu para partir rumo ao Líbano. A comitiva era integrada por políticos, empresários e militares, muitos tinham em comum a origem libanesa e a vontade de prestar auxílio ao país vitimado por tantos reveses em 2020. Além de Temer, integrava o grupo nomes como os senadores Nelsinho Trad e Luiz Osvaldo Pastore; o secretário de Assuntos Estratégicos da Presidência, Flávio Augusto Viana Rocha; o secretário de Negociações Bilaterais no Oriente Médio, Europa e África do Ministério das Relações Exteriores, Kenneth Félix Haczynski da Nóbrega; do presidente da FIESP, Paulo Skaf; e o representante do Exército Brasileiro, Carlos Augusto Fecury Sydrião Ferreira. Este último,

também descendente de libaneses, nessa viagem realizou sua última missão, pois ao retornar veio a falecer, aos 53 anos, acometido de Covid-19.

Temer destaca a relevância da missão para o Brasil. “O presidente teve um gesto muito elegante, porque ele veio a São Paulo, a pretexto de se despedir, mas na verdade realizou uma solenidade da remessa inaugural de cerca de 6 toneladas de alimentos e medicamentos que nos acompanhou em um avião cargueiro. A cerimônia ocorreu no aeroporto, com discursos em clima extremamente solene, revelando assim a importância do estado libanês para o estado brasileiro”, observa.

DESTINO BEIRUTE

Partindo de São Paulo, o grupo seguiu em uma viagem de 21 horas, com quatro escalas, até Beirute. Chegaram na quinta-feira, às 16 horas no horário local, quando estava marcada a cerimônia de doação do material para o Exército libanês e a Cruz Vermelha. “Às 17h, fui recebido em audiência pelo presidente Michel Aoun, durante cerca de 50 minutos, onde revelei a preocupação do Brasil com o que aconteceu no Líbano”, descreve Temer.

Na sequência, ocorreu o momento de maior impacto para o grupo. “Saindo de lá, fui visitar o local do acidente e fiquei extremamente impressionado e entristecido. É doloroso verificar aquela destruição do porto de Beirute e os efeitos da explosão em um raio de 4 a 5 quilômetros nas imediações, com prédios danificados das mais variadas formas. Foram 61 mil casas destruídas, 300 mil desabrigados e 220 mortos. Tudo muito triste”, admite o ex-presidente.

Durante a visita ao local da explosão, Temer observou a mobilização internacional de auxílio ao Líbano. “Estávamos acompanhados não só pela imprensa brasileira e libanesa, mas também por



FOTOS: DALATI & NOHRA E DIVULGAÇÃO

Michel Temer solicitou um encontro com lideranças das comunidades religiosas libanesas, na embaixada brasileira em Beirute. Acima, encontro do ex-presidente Michel Temer com o então primeiro-ministro libanês, Hassan Diab



O ex-presidente Michel Temer em visita ao presidente do parlamento libanês, Nabih Berri. Abaixo, Michel Temer e o cônsul honorário do Líbano, Miled Khoury.



vários veículos europeus”, comenta. Já na chegada do aeroporto em Beirute, outros quatro aviões, de outros países, também aterrissaram na capital libanesa transportando toneladas de mantimentos. Países das mais diversas localidades do planeta se uniram em prol do Líbano diante da tragédia.

Os compromissos oficiais prosseguiram. Temer solicitou ao representante diplomático que marcasse um encontro com lideranças das diferentes comunidades religiosas presentes no país para um encontro na embaixada brasileira. “Quando lá cheguei, fiz uma pequena exposição, informando que o Brasil trazia uma ajuda humanitária inicial e outras viriam, mas, sobretudo, queríamos prestar auxílio político

diante da difícil situação que o país atravessava naquele momento, particularmente em Beirute. Muitas e muitas vezes eu recebi vídeos mostrando libaneses abrindo geladeiras vazias, além dos problemas relativos à proibição de saques de determinadas somas importâncias nos bancos”, comenta consternado. No encontro, estavam os líderes druzo, sunita, xiita e maronita. Cada um discursou e houve cobertura da imprensa.

“Só então segui para o hotel, para tomar um banho e, em seguida, compareci ao jantar na casa do artista plástico Nabil Nahas. Uma ocasião muito interessante, em que ele reuniu ex-ministros e ex-presidentes, entre outros”, conta Temer. “Depois voltamos para o hotel. Foi tudo muito rápido, com uma velocidade extraordinária. No dia seguinte, fui entrevistado na maior emissora de TV do país e logo após visitei o presidente do parlamento libanês, Nabih Berri. Foi nosso terceiro ou quarto encontro e conversamos bastante. Depois foi a vez da visita ao primeiro-ministro, Hassan Diab, demissionário que era, encontrava-se interinamente na função. Ele inclusive juntou boa parte do ministério para me receber. Tivemos um diálogo bastante amplo e fiquei muito bem impressionado com aquele primeiro-ministro”, detalha Temer.

Saindo de lá, o representante diplomático, o embaixador Hermano Telles Ribeiro, levou o grupo para o tradicional restaurante de gastronomia libanesa na cidade, Liza. “Comida muito boa. E seguimos em direção ao aeroporto para mais 21 horas de viagem de volta. Depois de 24 horas de estada no Líbano”, pontua, sobre o apertado cronograma da missão.

O AUXÍLIO CONTINUA

No retorno a missão humanitária prosseguiu, pois logo na segunda-feira Temer participou de uma reunião com um grupo incumbido de arrecadar mais alimentos e medicamentos - cerca de 5 toneladas de medicamentos e mais de 50 toneladas de alimentos foram enviados para o Líbano. Recentemente, mais 1,5 tonelada de medicamentos - incluindo ampolas e outras doações - foram obtidas nos hospitais brasileiros.

Uma campanha nacional reunindo entidades ligadas ao Líbano e consulados também arrecadou

“Temer chegou a cogitar um encontro com o presidente francês Emmanuel Macron, o que não foi possível”

doações em dinheiro, destinadas aos hospitais libaneses, como o São Jorge, um dos melhores do país, que atende vítimas de queimaduras na explosão.

No momento, a missão conta com o apoio de vários representantes da comunidade libanesa, como Mohamed Zoghbi, Alfredo Cotait Neto, Robert Sami Nemer, Ricardo Maluf e Gilberto Kassab, que se mobilizaram para arrecadar doações e auxiliar o país de uma forma mais abrangente. “Além deles, recebi ligações de Goiás, do Tocantins, do Rio Grande do Sul, de gente que queria colaborar e colaborou com o grupo que arrecadou as doações. Eles trabalharam muito e, portanto, nós não prestamos apenas um auxílio humanitário, na base de alimentos e medicamentos, mas também com uma atuação política, como nas reuniões que fizemos no Líbano”, elucida Temer.

O ex-presidente segue empenhado em apoiar politicamente o país de suas origens. Quando retornou da missão, conversou com o presidente Bolsonaro e sugeriu: “Olha presidente, ative nossa diplomacia aí no Brasil, porque há um campo muito fértil para nossa presença brasileira aqui no Líbano, para agir politicamente, para ajudar nas composições, ao lado da França”. Durante a viagem, Temer chegou a cogitar um encontro com o presidente francês Emmanuel Macron, o que não foi possível na época.

“Eu até vou insistir um pouco com a nossa diplomacia, com o presidente Bolsonaro, sobre esse assunto. Em uma das últimas conferências virtuais que fizemos, com o Marcos Zarzur, presidente do Monte Líbano, disse que achava que poderíamos, depois de enviar tantas coisas para lá, obter uma cortesia de alguma companhia aérea para poder levar entre 30 e 50 membros da comunidade libanesa no Brasil para uma visita ao Líbano, para marcar presença de solidariedade e apoio político ao país”, comenta.

“Sempre conto a história da minha vida com o Líbano. Meus pais casaram-se e tiveram os três primeiros filhos lá. Depois, vieram para o Brasil e tiveram mais cinco filhos. Eu sou o último. E veja a carreira profissional que fiz, universitária, política, chegando à presidência da República. Só em um país como o Brasil isso é possível”, observa Temer.

LEGADO LIBANÊS

Michel Temer nasceu em 23 de setembro de 1940 em Tietê, no interior do estado de São Paulo, e foi criado em um ambiente rural. Filho de Nakhoul “Miguel” Elias Temer Lulia e Marchi Barbar Lulia, é o mais jovem de oito irmãos. “Eles deixaram um legado de trabalho estupendo. Meu pai foi para uma cidadezinha do interior, comprou uma chácara e trabalhou ativamente. Os quatro primeiros filhos não puderam fazer curso superior, porque tinham de ajudá-lo”, recorda, com um misto de tristeza e gratidão. Um dos seus irmãos, Tamer, quando concluiu o ensino médio no interior, queria fazer Medicina. Era 1943 ou 1944 e dois colegas dele prestaram vestibular em Curitiba. “Ele acabou fugindo para poder fazer o vestibular. Meu pai ficou desesperado, foi buscá-lo e disse que não poderia sustentá-lo em Curitiba, pois teria que ajudar os outros irmãos em casa”, conta.

A ligação de Temer também é forte com a terra natal de seus pais. “Desta vez, não tive tempo de ir à Btaaboura, mas nas outras duas vezes que estive no Líbano, eu fui. Na época, fui recebido com uma grande festa. Há uma avenida lá que recebeu o nome Vice-Presidente Michel Temer, por ocasião da minha segunda visita à cidade. A vila tem uns mil, 1,2 mil habitantes, e fizeram almoço para a cidade inteira. Eles nos tratam com muito carinho”, lembra Temer, que planeja retornar ao país para uma visita mais demorada, quando tudo isso passar. ■



ESPECIAL
LÍBANO

DO TERRITÓRIO MITICO AO GRANDE LIBANO

Uma história de fé, esperança e muita garra. Mas, sobretudo a história de líderes carismáticos e de um povo que ama sua pátria, mesmo estando longe dela

Por Fouad Naime

O Monte Líbano é a mais rica e moderna província do Líbano e tem como capital Baabda. A maioria de sua população é cristã, principalmente maronitas, grego-ortodoxos e grego-melquitas, com uma minoria formada por drusos, muçulmanos de várias seitas, bem como membros de outras religiões e ateus.

Sua área se estende por cerca de 170 quilômetros ao longo de todo o país, paralelamente à costa do mar Mediterrâneo. O pico mais alto é o Qornat al-Sawda, com 3088 m. A região recebe uma quantidade substancial de chuva, incluindo neve, cuja média chega a atingir cerca de 4m de profundidade.

Essas montanhas, que proporcionaram uma defesa natural à população, definiram o país historicamente. No Líbano, as alterações de paisagens estão menos relacionadas às distâncias geográficas do que às altitudes e o Monte Líbano se tornou conhecido pelas florestas de carvalho e pinheiro, com os remanescentes bosques do famoso cedro localizados em suas encostas. O povo fenício utilizava a madeira retirada das florestas para construir frotas de navios que estabeleceram o comércio com seus vizinhos levantinos, introduzindo a prática do plantio das árvores, reabastecendo a área. Desse modo, até o século 16, a floresta da província era vasta.

Os relatos históricos tradicionais sempre associam essas montanhas a um refúgio.

FOTOS: DIVULGAÇÃO



Os três históricos líderes fundadores do atual Líbano: No alto, O patriarca maronita Elias Hrawani, que liderou as negociações na Conferência de Paz, em Paris, em 1919; à dir., o emir Fakhreddine Maan 2º (1572-1635) e o emir Bashir Chehab 2º (1767-850), que estabeleceram as fronteiras políticas e naturais do país

“Os relatos históricos tradicionais sempre associam essas montanhas (Monte Líbano) a um refúgio”

Comparadas a uma fortaleza, teriam abrigado as minorias religiosas cristãs e muçulmanas perseguidas pelos sunitas que conquistaram sucessivamente Damasco, Bagdá, Cairo e Istambul. No final de uma dessas expedições de refúgio nas montanhas, a configuração do Monte Líbano passa por desdobramentos que lançaram a pedra fundamental do Líbano atual.

A PROSPERIDADE DO “PEQUENO LÍBANO”

O acordo que instituiu o regime Mutasarrifiat (microestado), assinado em 9 de junho de 1861, pôs fim aos confrontos e lutas entre cristãos e drusos, ocorridos no Monte Líbano em 1860 - precedidos de distúrbios semelhantes em 1842 e 1845. Assim, manteve-se a entidade libanesa dentro dos limites territoriais delimitados durante o estabelecimento, em 1842, do sistema de dois “caimacamats” (dois microestados), dando origem ao “pequeno Líbano” (Monte Líbano). O Líbano, portanto, permaneceu isolado entre Beirute, vale do Bekaa e as regiões de Trípoli e Saida (Sidon), mas sua autonomia no âmbito do Império Otomano era garantida pelas potências europeias. Até 1915 foi governado por um “mutassarref” (governador), um otomano, não libanês, cristão necessariamente católico. Dessa maneira, sem qualquer vínculo direto ou interesse no “pequeno Líbano” seria possível dar início a importantes projetos de desenvolvimento, estabelecendo uma administração eficiente bem organizada.

O clima de prosperidade e estabilidade permaneceu até a Primeira Guerra Mundial, com o Monte Líbano sendo “visto em todos os lugares como o país mais bem governado, próspero, pacífico e feliz do Oriente Médio”. A atmosfera pacífica também permitiu um importante desenvolvimento cultural e social graças ao

dinamismo do setor privado, mas sobretudo devido à ação dos missionários europeus e americanos no nível educacional.

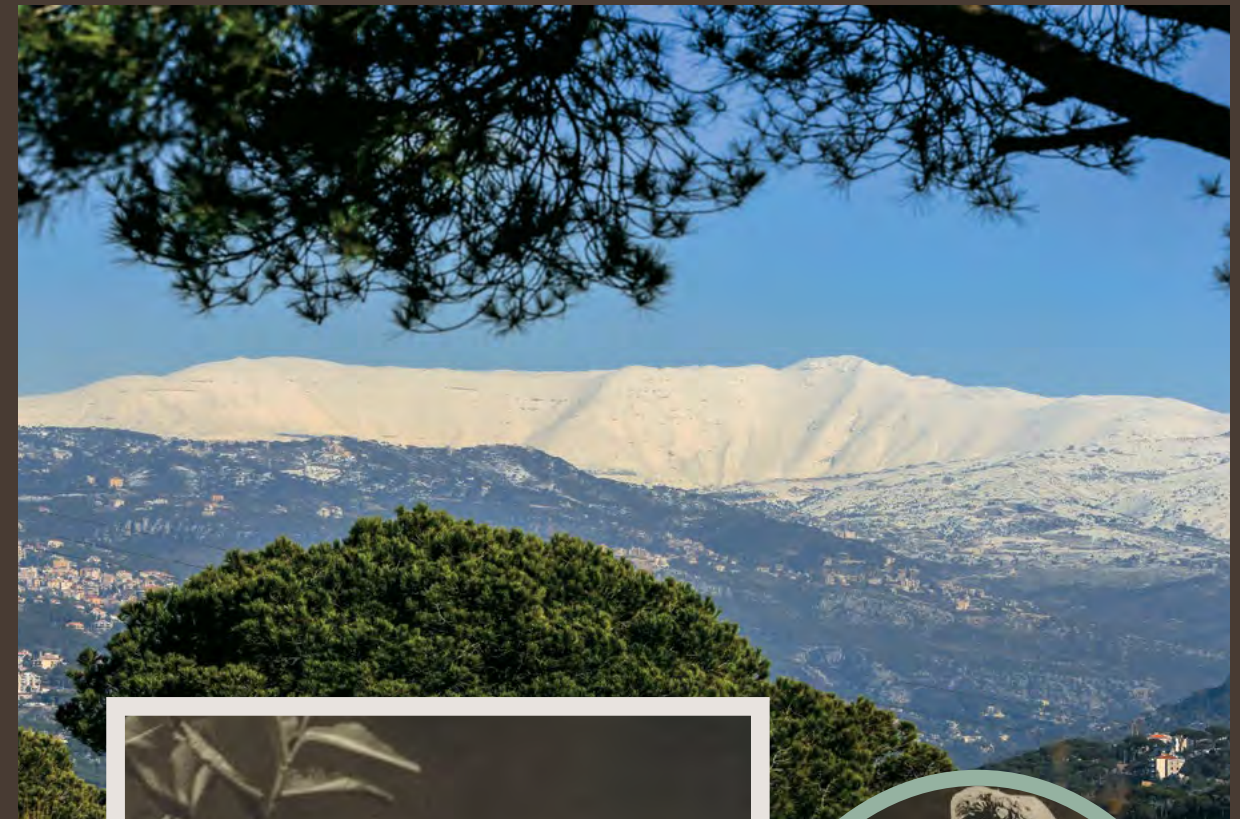
Entretanto, o acesso ao mar Mediterrâneo estava prejudicado com o isolamento dos portos de Beirute, Trípoli e Saida. Certos círculos cristãos apelaram então pela expansão do “pequeno Líbano” com a reintegração dos portos neste território, além do vale do Bekaa, considerado o celeiro do país.

Era um desejo pelo retorno “às fronteiras naturais do Líbano”, portanto ao Grande Líbano, tal como fora moldado pelo emir Fakhreddine 2º Maan, que pagou caro por suas ambições de expansão territorial. Ao dominar a extensão de terra que se estende de Antioquia, na Síria, até Palmira no leste e Safad no sul - então território palestino - ele acabou derrotado pelos otomanos que realizaram uma incursão na montanha. A história libanesa tradicional elevou o emir à categoria de fundador do Líbano moderno, por ser um mestre na convivência harmoniosa entre diferentes comunidades em um território libanês unificado.

Neste contexto assistimos ao início de uma onda de emigração em massa. Com o “pequeno Líbano” asfixiado economicamente pela falta de acesso ao mar e uma explosão demográfica, muitos habitantes do Monte Líbano, principalmente cristãos, emigraram para países distantes. Essa crise populacional atingiu tamanha escala que alguns políticos apontavam que o país era formado por dois componentes: o Líbano residente e o Líbano na diáspora - este último se tornando demograficamente mais importante do que o primeiro.

A GRANDE FOME

A estabilidade e a relativa prosperidade prosseguiram até a Primeira Guerra Mundial, quando a Turquia se aliou à Alemanha. O conflito



O monte Sannin coberto de neve; uma mulher libanesa e o guia de viajantes, Elias el-Ouardy, em trajes típicos dos habitantes do Monte Líbano, no século 19

FOTOS: AFP E BONFILS

“A grande fome dizimou quase um terço da população do Monte Líbano, em um número total de 200 mil”

proporcionou ao Império Otomano a oportunidade de colocar fim à autonomia do Monte Líbano, reduzindo-o à uma província comum. O plano foi executado por etapas - sendo confiadas a Jamal Pasha, que governou com mão de ferro Líbano, Síria e Palestina.

Em 1915, o “Regulamento Orgânico”, de 1861, foi abolido e um mutassarref muçulmano nomeado. No mesmo ano, o próprio governador turco nomeou um novo conselho administrativo para o Monte Líbano, enquanto cuidava de manter o equilíbrio da comunidade dos conselhos anteriores. Jamal Pasha instalou o quartel-general do comando turco para o Líbano em Aley, no Monte Líbano. Em seguida instituiu a corte marcial, executando uma série de políticos libaneses e sírios acusados de cooperar com a França e a Inglaterra antes da Guerra. As mortes aconteceram em 6 de maio de 1916, na Praça dos Canhões, desde então conhecida como Praça dos Mártires, no centro de Beirute.

Com o claro objetivo de manter um clima de repressão permanente, o governador otomano estendeu sua política de intimidação ao clero maronita, sendo o próprio patriarca Elias Howayek alvo de medidas vexatórias, em particular uma tentativa - mal sucedida - de condená-lo ao exílio.

Mas, acima de tudo, é o drama vivido pela população do Monte Líbano, entre 1915 e 1918, que marca a derrocada do Império Otomano. Uma combinação de circunstâncias causou uma fome em grande escala, dizimando quase um terço da população do Monte Líbano, com prevalência cristãos, em um número total de 200 mil, vítimas de desnutrição e doenças, segundo registros históricos.

A grande fome, descrita em cenas pungentes e horripilantes em várias obras da época, foi a tempestade perfeita provocada por diversos fatores. Primeiro o Exército otomano bloqueou com

barreiras o acesso às entradas do Monte Líbano, apreendendo os alimentos para alimentar seus soldados. Somou-se a isso o bloqueio marítimo imposto pelos britânicos ao longo de toda a costa libanesa, a fim de aumentar a pressão sobre os otomanos. E como o infortúnio nunca vem sozinho, uma invasão de gafanhotos completou o quadro devastador, consumindo grande parte da produção agrícola. Sem falar na grave epidemia de tifo, que contribuiu para o aumento do número de mortos.

AS MANOBRAS DIPLOMÁTICAS

Paralelamente à tragédia vivida pela população, o destino da Terra dos Cedros se desenrolou nos bastidores das chancelarias europeias, particularmente na França e na Inglaterra, na esteira dos desdobramentos da Grande Guerra. A intenção óbvia das grandes potências da época - que não colocavam em dúvida o resultado do conflito - era trabalhar com antecedência a partilha dos territórios árabes, do império moribundo, entre si.

Grandes manobras diplomáticas e acordos secretos se multiplicaram para desenhar o painel do novo mundo prestes a surgir. Em 1915 e 1916, a Grã-Bretanha negociou com o emir de Meca, xerife Hussein, uma aliança com o objetivo de lançar uma revolta árabe contra o Império Otomano, com o objetivo de realizar um desvio para apoiar indiretamente uma ofensiva. Exércitos britânicos lutaram contra forças turcas e alemãs no Sinai. Em troca da revolta árabe, os britânicos prometeram ao xerife Hussein apoiar o estabelecimento, sob a liderança dele, de um império unindo a Arábia e o Mashreq árabe.

Ao mesmo tempo, os britânicos iniciaram negociações secretas com os aliados europeus, França, Rússia e Itália, para um acordo de distribuição dos territórios árabes do Império Otomano, depois da Guerra. Conhecido como



Fotos raras do período da grande fome que atingiu os habitantes do Monte Líbano, entre 1915 e 1918, por pressão dos governantes otomanos. Imagens registradas por Ibrahim Naoum Kanaan, líder de um programa de assistência humanitária na época

FOTOS: AFP

“O patriarca Elias Howayek foi fortemente abalado pela grande fome enfrentada no Monte Líbano”

Sykes-Picot, o acordo foi assinado sob o maior sigilo, em 16 de maio de 1916. Mais tarde, a negociação foi revelada pela Rússia, o que obviamente provoca a ira do xerife Hussein, ao perceber a traição dos britânicos.

O emir Faisal, filho de Hussein, no entanto, não se deu por vencido. Em nome do pai, liderou o projeto de um estado árabe unificado. Aproveitou a abertura da Conferência de Paz em 18 de janeiro, de 1919, em Paris, para promover seus planos de nação árabe. Ele enviou dois memorandos às potências ocidentais lembrando as promessas inglesas e a contribuição de seu pai na luta contra o Império Otomano.

A GARRA DO ESPÍRITO LIBANÊS

Os esforços do emir não deram resultado, mas encontraram eco em certos círculos muçulmanos libaneses. O clima de insurreição se espalhou durante os primeiros meses de 1920 na Síria, no vale do Bekaa e em Marjayoun, onde os ataques contra as tropas francesas foram intensificados. Em 24 de julho de 1920, os franceses travaram uma batalha decisiva - a Batalha de Meissaloun - contra o emir Faisal, rapidamente derrotado e forçado a deixar Damasco onde havia estabelecido sua “capital”.

A força do emir Faisal foi veementemente combatida pelos nacionalistas libaneses - liderados pelo patriarca maronita Elias Howayek - que defenderam com entusiasmo a anexação do Monte Líbano e das regiões separadas da entidade libanesa pelo Império Otomano, durante a Conferência de Paz de Paris.

Três delegações foram a Paris para promover o Grande Líbano: a primeira presidida por Daoud Ammoun e inclui, entre outros, Emile Edde; a segunda é liderada pelo patriarca Elias Howayek, recebido no final de outubro de 1919 pelo primeiro-

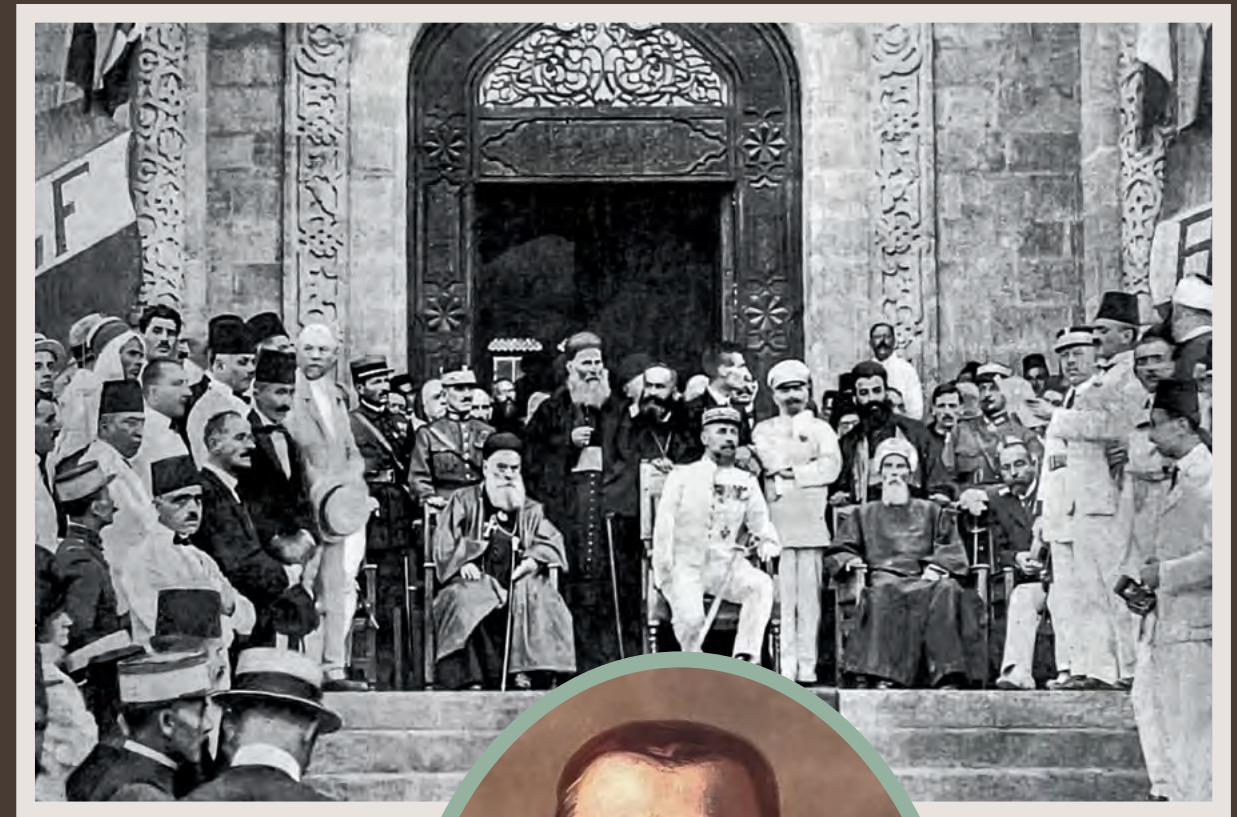
ministro Clemenceau; e a terceira, presidida pelo bispo Abdallah Khoury.

Sem dúvida, o patriarca Howayek foi a grande força motriz por trás dessas tratativas. Fortemente abalado pela grande fome enfrentada no Monte Líbano, ele insistiu que o vale do Bekaa voltasse a fazer parte da entidade libanesa, junto com os distritos de Hasbaya, Rachaya e Baalbek. Para o patriarca, e para os nacionalistas libaneses em geral, era uma questão de devolver o Líbano a seus limites históricos e naturais - estabelecidos por emir Fakhreddine Maan 2º (1572 - 1635), o emir Bashir Chehab 2º (1767 - 1850) e traçado pelo Estado-Maior francês, em um mapa datado de 1862.

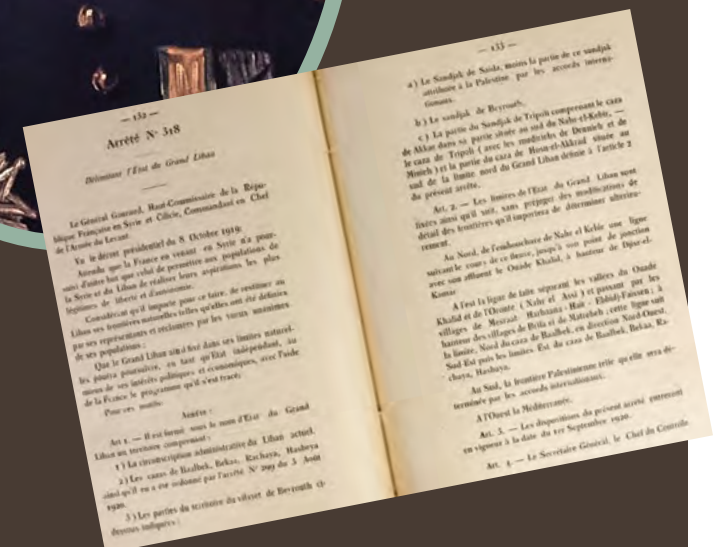
Assim, a identidade nacional, mais tarde chamada de libanismo, cristalizou-se nas duas primeiras décadas do século 20 através de intelectuais libaneses como Paul Noujaim, Youssif al-Sawda - fundador da Aliança Libanesa - Tannous Khayrallah, Antoun Gemayel, Khairallah T. Khairallah, Michel Zakkur - fundador da revista “al-Ma’rad” - e Charles Corm - fundador da “Revue Phénicienne”. As aspirações e demandas dos libaneses estavam de acordo com os interesses do novo poder em comando, a França.

Graças a este intenso trabalho de lobby diplomático na Conferência de Paris e a não menos intensa ação levada a cabo desde 1918 por inúmeras associações e clubes, nos muitos países da diáspora, o General Gouraud torna público, em Zahle, em 3 de agosto de 1920, um decreto anexando os territórios do vale do Bekaa, Baalbek, Rachaya, Hasbaya, Beirute, Saida e Trípoli ao território autônomo do Monte Líbano.

Finalmente, em 1º de setembro de 1920, na escadaria da Résidence des Pins - sede da embaixada da França - o general proclamou solenemente a formação do Grande Líbano, na presença de vários líderes políticos e religiosos. ■



Em 1º de setembro de 1920, na escadaria da Résidence des Pins - sede da embaixada da França em Beirute - o general Henri Gouraud proclamou solenemente a formação do Grande Líbano, na presença de líderes políticos e religiosos



FOTOS: ARQUIVO CL



ESPECIAL
LÍBANO

A GRANDE DAMA DE BEIRUTE

Nasceu rica, casou-se com um nobre, virou rainha do high-society e se revelou defensora da arte e da cultura de seu povo. Em um momento trágico para o Líbano, Lady Yvonne Sursock Cochrane deixou a vida para entrar na história

Em 1958, o escritor, ilustrador, esteta e dândi francês Philippe Jullian, escreveu em seu livro "The Snob Spotter's Guide" (Guia do Observador Esnobe, em livre tradução) que, para se tornar um jet-setter realmente glamoroso, era necessário "tomar café da manhã com o marajá de Jaipur, almoçar com Desmond e lady Cochrane, em Beirute, e jantar com a duquesa de Alba, em Sevilha". Por jet-setter entenda-se uma pessoa privilegiada que se desloca de avião pelo mundo apenas para cumprir uma agenda de atividade social intensa, como ir a festas, por exemplo. O novo tipo de

alta sociedade que surgiu no pós-guerra e frequentou o colunismo mundano pelos próximos 20 anos.

Quem lembra do episódio é Alfred Cochrane, filho do casal mais glamoroso de Beirute: "Meus pais eram atraentes, divertidos e falavam vários idiomas. Dávamos as melhores festas porque meu pai, sendo irlandês, era ótimo anfitrião", diz ele justificando a observação do escritor esnobe.

Lord Cochrane podia saber receber como ninguém, mas era lady Cochrane a verdadeira alma das festas. Era conhecida em todo o Líbano como Yvonne Sursock, membro de uma das "treze famílias" mais poderosas e influentes da capital libanesa - com uma fortuna feita no comércio de grãos. Filha única

FOTOS: FERRANTE FERRANTI & MATTHIEU FERRIE



Lady Yvonne Sursock Cochrane, a última grande dama da alta sociedade de Beirute, morreu em decorrência dos ferimentos que sofreu na explosão ocorrida em 4 de agosto. Aqui, ela mais jovem. A fachada do Palácio Sursock, no bairro Ashrafieh

“Amante da beleza e das artes, lady Cochrane se destacava pela elegância tanto em casa quanto no guarda-roupa”

de um alto dignitário cristão ortodoxo do Império Otomano, Alfred Sursock, e da italiana Maria Serra de Cassano - filha de um duque napolitano - ela cresceu no Palácio Sursock, no antigo bairro de Achrafieh. A irmã mais velha de seu pai, Isabelle, uma bela e rica viúva que havia perdido seus filhos, serviu-lhe como mãe substituta.

A PRINCESA ENCONTRA SEU PRÍNCIPE

Sir Marc Cochrane, financista e o mais velho dos quatro filhos de lady Yvonne, conta: “Minha mãe sempre disse que os momentos mais felizes de sua vida foram quando ela era uma garotinha e morava no palácio em Beirute com suas várias tias”.

Quando jovem, foi enviada para estudar na Les Oiseaux, escola francesa no sul da Inglaterra. O autor britânico William Dalrymple a entrevistou para seu livro sobre os cristãos no Oriente Médio e descreveu seu “sotaque antiquado da classe alta, os ‘R’s quase se transformaram em ‘W’s”. Ela era fluente em italiano, francês e árabe libanês.

O encontro com Desmond Cochrane, descendente de família anglo-irlandesa servindo no exército britânico no Cairo, aconteceu quando ele viajou de férias para Beirute, no final da Segunda Guerra Mundial, com uma apresentação aos Sursocks. Eles se apaixonaram e se casaram, com um padre do exército britânico irlandês, na catedral católica de Beirute, em janeiro de 1946.

O avô de lord Desmond, feito baronete em 1903, fundou a empresa Cantrell & Cochrane (C&C), fazendo a fortuna com Ginger Ale e água mineral. Quando seu pai morreu, lord Desmond herdou o título, o dinheiro e a propriedade da família, já que seu irmão mais velho, o herdeiro por direito, havia morrido em um acidente de avião quando voltava para casa depois do fim da Guerra.

Lord e lady Cochrane tomaram posse da mansão Woodbrook, em Bray, condado de Wicklow, na

Irlanda, em 1952. Sir Marc comenta: “Foi um período muito feliz para meus pais, porque estavam criando algo juntos. Levavam uma vida despreocupada e minha mãe conheceu muitos amigos anglo-irlandeses, incluindo os Guinness, Dunsany e Goulding”.

LADY JET-SET

Amante da beleza e das artes, lady Cochrane se destacava pela elegância tanto em casa quanto no guarda-roupa. “Havia uma loja de armarinhos em Bray, chamada Leeds, onde minha mãe comprava tecidos maravilhosos. Passamos Natais e verões em Woodbrook”, lembra outro filho do casal, o arquiteto Alfred Cochrane. “Ela considerava Irene Gilbert uma grande designer e encomendou uma escultura do artista bretão Yann Renard-Goulet. Ela amava a vida artística”, diz.

Como cônsul honorário da Irlanda em Beirute, Desmond Cochrane ajudou empresas irlandesas a desenvolver oportunidades comerciais em todo o Oriente Médio. E o casal recebia com grande luxo, fosse em Beirute, Woodbrook, Londres ou Paris. Por isso, “glamour” é uma palavra frequentemente associada a lady Cochrane. Segundo Alfred, “Ela possuía as roupas, as joias e a casa”, uma combinação explosiva de requinte e “grandeur”. “Era uma aristocrata no jet-set europeu”, reconhece o filho.

Mas nem tudo eram festas e badalações. Os irmãos concordam que a mãe era também uma disciplinadora severa. “Meus pais costumavam sair todas as noites e ela sempre se atrasava, porque antes tinha de se certificar que havíamos feito nosso dever de matemática”, garante Alfred.

EM GUERRA PELA TRADIÇÃO E CULTURA

Em Beirute, lady Cochrane encontrou sua vocação como defensora da herança artística e cultural do país, atuando na preservação do rico



Lady Cochrane destacava-se tanto pela elegância de sua residência quanto de seu guarda-roupa. No alto, o salão principal no piso térreo do Palácio Sursock. Ao lado, uma das muitas áreas privadas de leitura, ao lado da biblioteca

“Em Beirute, lady Cochrane encontrou sua vocação como defensora da herança artística e cultural do país”



patrimônio libanês. Fundou e presidiu, durante 42 anos, a Associação Para Proteção de Sítios Naturais e Construções Antigas, lutando pela preservação das aldeias tradicionais, bem como tesouros arquitetônicos otomanos e franceses. Também foi presidente do conselho e administradora do Museu Surssock, em Beirute - entre 1960 e 1966 - e cofundadora do internacionalmente conhecido Festival Baalbek e das Jeunesses Musicales du Liban. Envolveu-se em projetos sociais para diminuir a emigração, com a fixação dos habitantes das pequenas aldeias através da criação de empregos nas áreas da agricultura, manufatura têxtil e artesanato.

A personalidade forte muitas vezes lhe causou a fama de “difícil”. “Ela não tolerava tolos bem intencionados e não costumava ser muito diplomática. Assim como era intransigente e chegava a irritar muitas pessoas”, admite sir Marc. “Esse era o lado guerreiro da sua personalidade. Infelizmente, para todos os envolvidos, uma atitude que também afetou o relacionamento com o marido e os quatro filhos”, reconhece ele.

O casal Cochrane se separou na década de 1960 e lord Desmond mudou-se para a ilha de Chipre.

Mesmo assim, quando ele morreu, em 1979, lady Cochrane assumiu o luto, vestindo-se de chifon negro pelo ex-marido.

Seu espírito guerreiro fez com que ela recusasse a deixar Beirute mesmo durante os piores dias da guerra civil, entre 1975 e 1990. “Temia que se fosse embora, talvez nunca mais pudesse voltar”, alega Alfred. “Ela adorava o Líbano, mas estava com o coração partido pela forma como os libaneses o estavam destruindo”.

Nascida apenas dois anos depois de os franceses proclamarem o État du Grand Liban, em 1920, lady Cochrane morreu às vésperas das comemorações do centenário da data, quando muitos previam a morte do país. Com sua elegância inabalável, ela parecia personificar o esplendor de um Oriente rico e majestoso, há muito perdido. Seu pai empregou os trabalhadores atingidos pela grande fome, entre 1915 e 1918, para construir a Résidence des Pins, que se tornou o centro do domínio francês. Até a intensidade de suas rixas familiares e no trabalho pode ser vista como um símbolo do Líbano.

Lady Cochrane partiu em um momento tragicamente histórico do país: não resistiu aos ferimentos sofridos quando 2.750 toneladas de nitrato de amônio explodiram no porto de Beirute, no dia 4 de agosto passado. Logo ela, uma das primeiras personalidades a apontar a atual classe política do Líbano como um bando de vigaristas e canalhas. Para o anúncio de seu funeral, seus filhos pensaram uma advertência: “Não é permitida a presença de políticos”. Quando um representante do presidente libanês apareceu com uma coroa gigante de flores e uma medalha póstuma da Ordem Nacional do Cedro, foi prontamente confrontado por Patrick, um de seus netos: “Você matou minha avó”, disse o jovem.

Ela deixa os filhos Marc, Alfred, Roderick e Isabelle, sete netos e seis bisnetos. ■



100 anos

A Associação Comercial de São Paulo (ACSP) parabeniza os mais de 10 milhões de libaneses que vivem no Brasil pelo centenário de criação do Líbano.

O Estado de São Paulo é o lar da maior comunidade libanesa fora do país do Oriente Médio e isso é motivo de muito orgulho para nós, que defendemos a independência, a proatividade e a livre iniciativa.



A Associação Comercial de São Paulo (ACSP) está sempre ao lado do empreendedor.



Informe-se em:
www.acsp.com.br
Tel: (11) 3180-3737



ASSOCIAÇÃO
COMERCIAL
São Paulo



ESPECIAL
LÍBANO

Roberto Duailibi

100 ANOS DE UMA NAÇÃO MILENAR

UMA CORRENTE DE SOLIDARIEDADE

**A maré de empatia e solidariedade pelo povo libanês,
gerada pelo desastre no porto de Beirute, se
espalhou pelos setores da sociedade brasileira**

“**P**or que amamos tanto o Líbano? Qual o mistério que nos une a esse pequeno país, além do fato de sermos filhos, netos e bisnetos de libaneses? Podemos até não ter conhecido nossos avós e nem termos, mais, um sobrenome árabe, e muito menos falarmos a língua, mas o sentimento permanece, às vezes escondido num recanto da alma, mas lá está ele. Por que nos emocionamos quando vemos um desses filmes curtos, agora tão frequentes na internet, com as paisagens libanesas? (Depois da invenção dos pequenos drones que portam câmeras de alta definição, há milhares desses filmes, muitos de excelente qualidade).

Pois foi por ocasião dos 100 Anos da Proclamação do Grande Líbano que uma tragédia no pequeno país uniu os libaneses e seus descendentes em todo o mundo e, no Brasil, reviveu o amor que sentíamos como quando uma outra nação vizinha, dirigida por uma ditadura cruel, tentou absorver o país. E que, no Brasil, gerou a Confederação das Entidades Libano-Brasileiras, a Confelibra, tão entusiasticamente dirigida, por tantos anos, por Charles Lotfi, e que uniu, em convenções e congressos, os milhares de pequenos e grandes núcleos de libaneses dos mais longínquos recantos do Brasil.

A explosão, no dia 4 de agosto, no porto de Beirute de 2.750 toneladas de cloreto de amônia, ingrediente que, ao mesmo tempo em que é matéria prima para fertilizantes, é também componente do combustível

de mísseis e foguetes. A visão da explosão espantou o mundo inteiro. Centenas de celulares filmavam o incêndio no porto, a partir das janelas dos prédios vizinhos quando, inesperadamente, uma verdadeira explosão semi-nuclear se ergueu, destruindo uma área enorme em volta.

O mundo sentiu-se chocado — mas particularmente as comunidades libanesas do mundo inteiro, que se orgulhavam a recuperação urbanística de Beirute, coordenada por Rafik Hariri (depois brutalmente assassinado) e, como consequência, de todo o Líbano. O país, em paz, voltara a atrair turistas, tinha o que oferecer e, mais do que tudo, fizera com que milhões de pessoas, em todo o mundo, recuperassem o sentimento de pertencimento.

No Brasil, o Planalto, certamente por influência de nosso embaixador Joseph Sayah, mostrou-se sensível à tragédia libanesa e o próprio presidente Bolsonaro envolveu-se. E não ficou apenas em mensagens de solidariedade. Num gesto político de grande repercussão, solicitou ao ex-presidente Michel Temer para ser coordenador da ajuda brasileira, colocou o mais novo cargueiro da Embraer à disposição para o transporte das doações - alimentos, remédios, equipamentos, assistência médica, equipe técnica e envolveu o pessoal do Itamaraty. O Exército brasileiro criou um movimento próprio de doações, denominando-o “Movimento General de Exército Gabriel Esper”, em homenagem ao militar descendente de libaneses que foi comandante da Região Sudeste da força terrestre.



Segundo publicitário e acadêmico Roberto Duailibi, uma tragédia no pequeno país uniu libaneses e seus descendentes no Brasil e em todo o mundo

FOTO: ERNESTO EILERS

Imediatamente vários grupos de ajuda formaram-se no WhatsApp, sob a liderança do cônsul em São Paulo, Rudy Azzi, notadamente aquele coordenado pela Câmara de Comércio Brasil-Líbano, “Grupo Ação pelo Líbano”, administrado pelo Alfredo Cotait e pelo eficiente Guilherme Mattar, com 45 seguidores, assim como o grupo “Solidariedade Líbano”, esse dirigido diretamente pelo cônsul Azzi, que tem se revelado um expert na administração de redes sociais - entre seus companheiros estão Marcelo Zarzur e Fauzi Hammouche e o grupo tem aproximadamente 60 pessoas. O maior grupo de todos, no entanto, é o “Ação pelo Líbano”, que congrega Paulo Skaf e Miled Khouri, que fez um excelente trabalho no Líbano, onde possui uma casa magnífica na cidade onde nasceu. Miled ajudou inclusive a receber as doações e cuidou para que não houvesse desvios (possibilidade que pode ocorrer em situações críticas).

O Clube Monte Líbano, inspirado por seu presidente e pela Kika Atui, também formou um grupo, maioritariamente jovem, mas cujos membros aprenderam a fazer doações em desastres naturais, assim como o Clube Sírio. Os presidentes das entidades assumiram o papel de líderes que de fato são, e conduziram os seus associados a doar toneladas de bens. O Grupo da Mesquita do Brás fez um belíssimo trabalho, assim como se revelou também a incrível liderança de Mohamed Zogbi, que não mediu esforços para que todas as doações estivessem no avião cargueiro na data certa e chegassem ao Líbano antes das doações dos outros países.

Uma referência especial deve ser feita à Câmara de Comércio Árabe Brasileira que, graças à liderança de Rubens Hannoun e de nosso ex-embaixador Osmar Chohfi, conseguiu também toneladas de doações.

Na área artística, provou-se também a força da indústria criativa e era evidente a simpatia demonstrada por Guga Chacra, Fernando Mitre, Julia Duailibi, Andréa Sadi, William Bonner, além de todo o pessoal da TV Bandeirantes. Uma contribuição enorme foi proporcionada pela TV Cultura, com o programa “Abraço em Beirute”, duas horas de show com a Orquestra Sinfônica de Beirute e artistas brasileiros, para angariar doações. O cônsul-geral do Líbano no Rio, Alejandro Bitar abriu o programa, com a curadoria de Ricardo Feghali e Tim Riscala e a apresentação de Marcelo Tas e Chris Maksoud. Um

“ O Líbano, que sofreu tanto com a explosão, saiu engrandecido com o amor demonstrado por seus filhos, netos e bisnetos que vivem em todos os países do mundo ”

momento único na história do relacionamento do Brasil e do Líbano.

Reconhecimento especial deve ser feito para uma pessoa que poucos conheciam, mas que caiu do céu e conseguiu toneladas de doações. Trata-se do patricio Marcello Moufarrege, secretário de Comunicação do Ministério da Saúde, braço direito do ministro Pazzuello em Brasília. Marcello tratou de entrar em contato espontaneamente com as lideranças dos diversos grupos, oferecendo-se voluntariamente para obter doações e agilizar as burocracias inerentes às exportações. Em algumas ocasiões conseguiu também o transporte, a parte mais cara da operação. Sugiro que criemos algum tipo de homenagem especial para o Marcello.

Outra figura notável foi o cônsul honorário do Líbano em Porto Alegre, Ricardo Malcon. Sempre contente, sempre ativo, fechou com chave de ouro as doações, tendo obtido dez cadeiras de rodas.

Enfim, deveria ter citado os nomes das mais de mil pessoas que, surgidas do nada, congregaram-se em torno da causa comum de ajudar o Líbano, doando alimentos, equipamentos, dinheiro. Mas doando principalmente trabalho voluntário e empatia pela causa. O Líbano, que sofreu tanto com a explosão, saiu engrandecido com o amor demonstrado por seus filhos, netos e bisnetos que vivem em todos os países do mundo. ■

***Roberto Duailibi é publicitário, um dos fundadores da agência DPZ e membro da Academia Paulista de Letras**



Acima, a comitiva chefiada pelo ex-presidente Michel Temer. Ao lado, o presidente Jair Bolsonaro e Michel Temer, durante a cerimônia da partida da comitiva brasileira em missão especial a Beirute, na Base Aérea de São Paulo, em Guarulhos. Abaixo, os presidentes Jair Bolsonaro e Michel Temer com o embaixador do Líbano, Joseph Sayah, na aeronave KC-390, da FAB. Foram transportadas 6 toneladas de materiais, entre medicamentos, equipamentos de saúde e alimentos, doados pelo Ministério da Saúde



FOTOS: AGÊNCIA BRASIL



ESPECIAL
LÍBANO

Joseph Sayah

A PROMESSA DO LIBANO PARA A PAZ NO MUNDO

**É preciso aprender com os conflitos do passado
para fazer do Líbano novamente
um país brilhante e de coexistência pacífica**

“Quando fui convidado pelo editor desta estimada revista a escrever algumas palavras sobre o centenário do Líbano, pensei um pouco sobre o que falar. Afinal, por ser Embaixador do Líbano, seria compreensível que as pessoas pensassem que qualquer coisa que eu dissesse seria uma demonstração clara de patriotismo da minha parte. Por isso, decidi ser o mais objetivo possível.

Há aqueles que erroneamente pensam que o Líbano nasceu há cem anos. Ou ainda que que foi a criação das potências europeias que saíram vitoriosas depois da Primeira Guerra Mundial.

Qualquer intelectual com um mínimo de conhecimento de história dirá corretamente que o Líbano é tão antigo quanto a própria história da civilização. O nome Líbano circula há milhares de anos, desde as páginas do Velho Testamento até os escritos de todos os historiadores do mundo antigo. O Líbano, ou Fenícia, como era comumente chamado, entregou ao mundo uma de suas maiores civilizações e culturas, com a criação do alfabeto e as artes da navegação e do comércio. O infortúnio do Líbano foi que a admiração das potências e impérios dominantes na época, levou-os ao ponto de querer ocupá-lo e controlá-lo (ao que parece, o mundo nunca mudou). De fato, o Líbano permaneceu sob o controle de forças externas por

FOTOC: AGÊNCIA BRASIL



O embaixador do Líbano no Brasil, Joseph Sayah, durante a solenidade de partida da comitiva brasileira a Beirute, na Base Aérea de Cumbica, em Guarulhos

dois milênios, até reconquistar sua identidade nacional depois de 500 anos de dominação otomana. Cabe lembrar que não foi o único país nessa situação após a primeira grande guerra. Muitos países europeus também renasceram ou foram criados, assim como todas as atuais nações do Oriente Médio que surgiram naquele momento.

Neste centenário, o certo seria provavelmente olhar para trás e falar sobre os obstáculos que se encontram à nossa frente nos dias de hoje. Seria inocente de nossa parte ignorar os anos de agonia enfrentados pelo Líbano e o que ainda enfrentamos agora, mas seria mal-intencionado ignorar que as causas desta agonia são as mesmas que fizeram do país uma democracia pujante e de sucesso, um oásis de liberdade e paz, uma arena para o debate do livre pensar e das ideias opostas que levaram escritores, editores, filósofos e formadores de opinião a escolherem-no como residência. Uma nação vibrante e civilizada sem igual no Oriente por décadas. O equilíbrio confessional de poder adotado pelo Líbano transformou-o em motivo de inveja do mundo civilizado. Provou que, após séculos de sectarismo e conflitos religiosos que jogaram o Oriente contra o Ocidente e vice-versa, e uma sociedade contra outra, que a coexistência religiosa é possível, e que trata-se uma experiência enriquecedora para um mundo melhor para todos. Tal sistema foi baseado em valores e cultura compartilhados e em um senso comum de nacionalismo que fizeram do Líbano, nas palavras do papa João Paulo 2, “não apenas um país, mas uma mensagem.”

A agonia do Líbano é essencialmente causada pelo conflito no Oriente Médio, que perturbou a paz e a tranquilidade em todas as sociedades políticas na região, e forçou o Líbano a ser tornar, por

“ É tempo para que deixem de interferir nas questões do Líbano e permitam que o país e seu povo escolham seu caminho rumo ao futuro ”

“ Qualquer intelectual com um mínimo de conhecimento de história dirá corretamente que o Líbano é tão antigo quanto a própria história da civilização ”

questões de hegemonia externa, um território de retaliações antagônicas. Nenhuma sociedade estável conseguiria suportar o que o Líbano conseguiu, durante os últimos anos. Uma nação pequena, com recursos escassos e uma sociedade com um equilíbrio muito delicado, acolhendo um número de refugiados equivalente a quase metade de sua população. Não podemos dizer que os libaneses não cometeram erros. Entretanto, as pessoas erram o tempo todo, e remissões serão feitas assim como os erros devem ser corrigidos. O importante é que o povo libanês está mais determinado do que nunca para reviver o espírito do Líbano, como sempre estiveram. Para realizar o milagre do Líbano de todas as formas. Para trazer de volta ao país seu passado brilhante, como membro fundador da Organização das Nações Unidas e de sua Seção de Direitos Humanos. Essa é a nossa promessa para o mundo e nossa promessa para os membros de nossa querida diáspora libanesa nesse grande país que é o Brasil. O incrível sucesso dessa diáspora é mais uma prova da adesão libanesa aos princípios da globalização e da coexistência pacífica com todo o mundo. Nossa diáspora no Brasil representa o belo e autêntico espírito libanês que tanto nos orgulha.

É tempo para que deixem de interferir nas questões do Líbano e permitam que o país e seu povo escolham seu caminho rumo ao futuro. O povo libanês pagou um preço muito alto pelas guerras de outros, não deveria ter de pagar ainda mais para ter sua própria paz. ■

***Joseph Sayah é embaixador extraordinário e plenipotenciário do Líbano no Brasil**

O ESPAÇO IDEAL
PARA INSTALAR
SUA EMPRESA
OU ARMAZENAR
SEUS PRODUTOS.



SALAS COMERCIAIS MODULARES
E ESPAÇOS PARA LOJAS E DEPÓSITOS
DE DIFERENTES DIMENSÕES.

No CenterBrás-AG você encontra diversos tipos de serviços úteis para o dia a dia das empresas e de seus profissionais como Restaurantes, Correios, Agências Bancárias, Caixas Eletrônicas, Agências de Viagem e uma infraestrutura completa para a instalação de sua empresa. O estacionamento possui uma capacidade rotativa para cerca de mil carros.

>>> WWW.CENTERBRAS.COM.BR • (11) 3322-7000



ESPECIAL
LÍBANO

Fernando Mitre

A FÊNIX ESTA VIVA

Com um tanto de memória afetiva e outro tanto de análise política, o jornalista faz uma reflexão sobre o presente e o futuro do Grande Líbano

“**O** olhar encantado da criança, sentada ali no chão diante da figura solene do avô, se fixava no forninho que abriga no topo do narguilé o tabaco aromatizado.

A criança era eu mesmo e o olhar não se encantava apenas ao tentar adivinhar a corrida da fumaça seguindo pela mangueira até os pulmões daquele velho maronita adorador.

A causa profunda do encantamento era o que viria em seguida, depois das primeiras puxadas no narguilé, quando o avô, acomodado na larga poltrona, começaria a contar as histórias de uma terra fascinante.

A imaginação devia fazer a sua parte, já não sei se na fantasia da criança ou na criatividade do narrador. Mas o resultado era profundamente poético - vindo da voz modulada naquele sotaque querido, que ia deitando raízes na alma do menino.

Com o tempo aprendi - como todos aprendemos, o mundo confirmou - ... que aquela terra, encantada para tantos, era, também, sofrida e severamente machucada por sua história marcada pela tragédia. Mas sem que faltassem coragem, força e cultura.

Essa explosão na região portuária de Beirute - que devastou metade da cidade, abalou o Líbano e chocou o mundo - toca o coração de todos, mas acende a esperança e desperta, entre as ruínas da tragédia, o conhecido espírito da reconstrução. Não será a primeira vez.

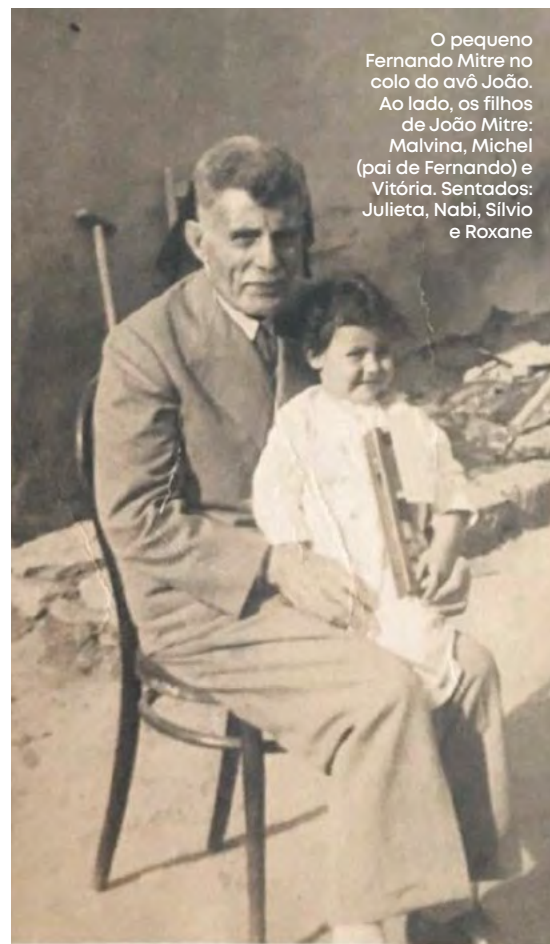
Eu me emocionei - e creio que, como qualquer telespectador sensível - ao acompanhar o repórter da Band, Valteno de Oliveira, caminhando pelos escombros e captando dor e esperança, logo depois do desastre.

A nova tarefa histórica da reconstrução encontra desafios que mostram seu rosto terrível - um quadro multifacetado. O descaso dos governantes e dos que têm poder se aprofundou

FOTO: DIVULGAÇÃO



A tragédia de Beirute emocionou o jornalista Fernando Mitre, que escreveu uma reflexão sobre a trajetória de seus avós vindos de Salima e Brummana, no distrito Metn, no Monte Líbano



O pequeno Fernando Mitre no colo do avô João. Ao lado, os filhos de João Mitre: Malvina, Michel (pai de Fernando) e Vitória. Sentados: Julieta, Nabi, Sílvio e Roxane



FOTOS: ÁLBUM DE FAMÍLIA

ao longo de anos e provoca a indignação das multidões sofridas. É uma espécie de processo voraz depois da guerra civil de 1975/90. E dói pensar que, antes de tudo isso, o Líbano viveu décadas de boa convivência conjugada com prosperidade. Naquele período, a partir de 1920 - e principalmente nos anos 50 e 60 - atraía o mundo, que agora se horroriza diante do quadro trágico que se construiu no pequeno país.

Aquela boa fase, que ocorria em décadas de paz e prosperidade, espalhava saudade e recordações, quando contada nas cartas e outras narrativas que chegavam do Líbano para os parentes no Brasil.

Ainda me lembro da família reunida, em volta

da mesa farta, ouvindo relatos enviados da terra. Às vezes, de algum viajante, que acabava de chegar e procurava a casa amiga.

Como a “madeleine” de Proust, que, amolecida no chá, despertava com seu aroma a poderosa alegria da memória involuntária, as lembranças da infância de um descendente libanês podem, a qualquer momento, reconstituir cenas do passado, estimuladas pela mágica atmosfera inundada pelos temperos inconfundíveis das autênticas iguarias árabes.

No meu caso, esses aromas facilmente me levam até a espaçosa cozinha de uma casa acolhedora no interior de Minas, onde minha avó operava maravilhas da gastronomia libanesa. E não

poucas vezes, em que ela sentada diante do pilão de mármore dando vida ao quibe delicioso, ou, depois, tirando a berinjela recheada da panela, testemunhei suspiros de saudade da terra e da mesa familiar de um certo sobrado de pedra na sua bela Brummana. E todas essas lembranças fazem surgir, de novo, à minha frente - agora mesmo, enquanto escrevo este texto - a figura patriarcal do avô, na ponta da mesa, comandando o que, às vezes, me parecia um ritual de família. E, ao final, acompanhando a sobremesa, novas e deliciosas histórias da terra encantada, com o destaque de sempre para a sua inesquecível Salima.

Todas essas lembranças e reflexões são agora, para mim, inevitáveis, quando me debruço diante do quadro dramático do Líbano de hoje.

O descaso, ao lado da corrupção alimentada por um sistema rejeitado, está por trás da explosão de agora tanto quanto dos números dramáticos que já vinham expressando o sofrimento da população.

Em cada número desse painel chocante - 66 por cento de jovens desempregados, moeda desvalorizada em 80 por cento, mais da metade da população abaixo da linha da pobreza, preço da comida inacessível para 60 por cento das famílias... - em cada número aqui se concentram miséria, fome e morte. E ainda o tempo da pandemia, com os hospitais sucateados.

Impossível ver e rever, como ainda faço, as imagens da destruição sem que as vozes que chegam da infância me lembrem minhas raízes libanesas, confrontando as lindas histórias de antes com a dor e o sofrimento de agora.

É assim que acompanho, como tantos na mesma condição, ligados sentimentalmente

“ Fênix está viva. E os novos tempos nascerão neste terreno cheio de perigos e problemas, com quase 2 milhões de refugiados ”

“ Todas essas lembranças e reflexões são agora, para mim, inevitáveis, quando me debruço diante do quadro dramático do Líbano de hoje ”

ao Líbano, o noticiário e os caminhos ainda pouco claros para tempos melhores neste país mergulhado no sofrimento.

A vontade e a busca das soluções, num quadro tão problemático quanto inseguro e politicamente caótico, começam a ocupar seus lugares numa nova história do Líbano. A tarefa é enorme e as ameaças de novos caminhos tortuosos estão por toda parte.

Mas o otimismo - o meu, pelo menos - permite identificar sinais que apontam, ainda que ligeiramente, para uma reconstrução que deve ser ampla e grandiosa. À altura do imenso, gigantesco desafio.

A recomposição política com um novo pacto, uma reforma total e profunda com novas lideranças, um basta à peste da corrupção - nada disso pode faltar numa paisagem de recuperação de tudo o que se perdeu num processo continuado de crises que já antecedia a última tragédia.

Fênix está viva. E os novos tempos nascerão neste terreno cheio de perigos e problemas, com quase 2 milhões de refugiados e, hoje, envolvido em disputas que provocam desconfianças e ainda paralisam iniciativas. As da comunidade internacional, ainda hesitantes, seriam essenciais nesse processo.

Mas a força do passado e a expectativa da compreensão do presente ajudam a fortalecer a crença num futuro em que os netos dos que devem reconstruir o país agora possam ouvir lindas histórias de seus avós, como as que marcaram minha infância e me acompanham desde então. ■

***Fernando Mitre é jornalista, diretor nacional de jornalismo da Rede Bandeirantes**



ESPECIAL
LÍBANO

Nizan Guanaes

O LÍBANO DENTRO DE MIM

Antes de ser Nizan Guanaes eu já era Nizan Mansur de Carvalho Guanaes Gomes. E esse Mansur não é só um nome. É um enorme pedaço de mim

“**M**inha avó materna, Helena Mansur, era de Bnashii, uma pequenina cidade no norte do país. Visitei a terra ancestral da minha família em 2010, com minha mulher e meu irmão, e alguma coisa aconteceu no meu coração.

Fui a Biblos e recebi um verdadeiro presente de Deus. Era fim da tarde, o guia começou a mostrar o lugar, o sol se punha, e comecei a ouvir uma música familiar, comecei a ouvir palavras cantadas em português. E lá estava Caetano Veloso, passando o som para o show que faria mais tarde!

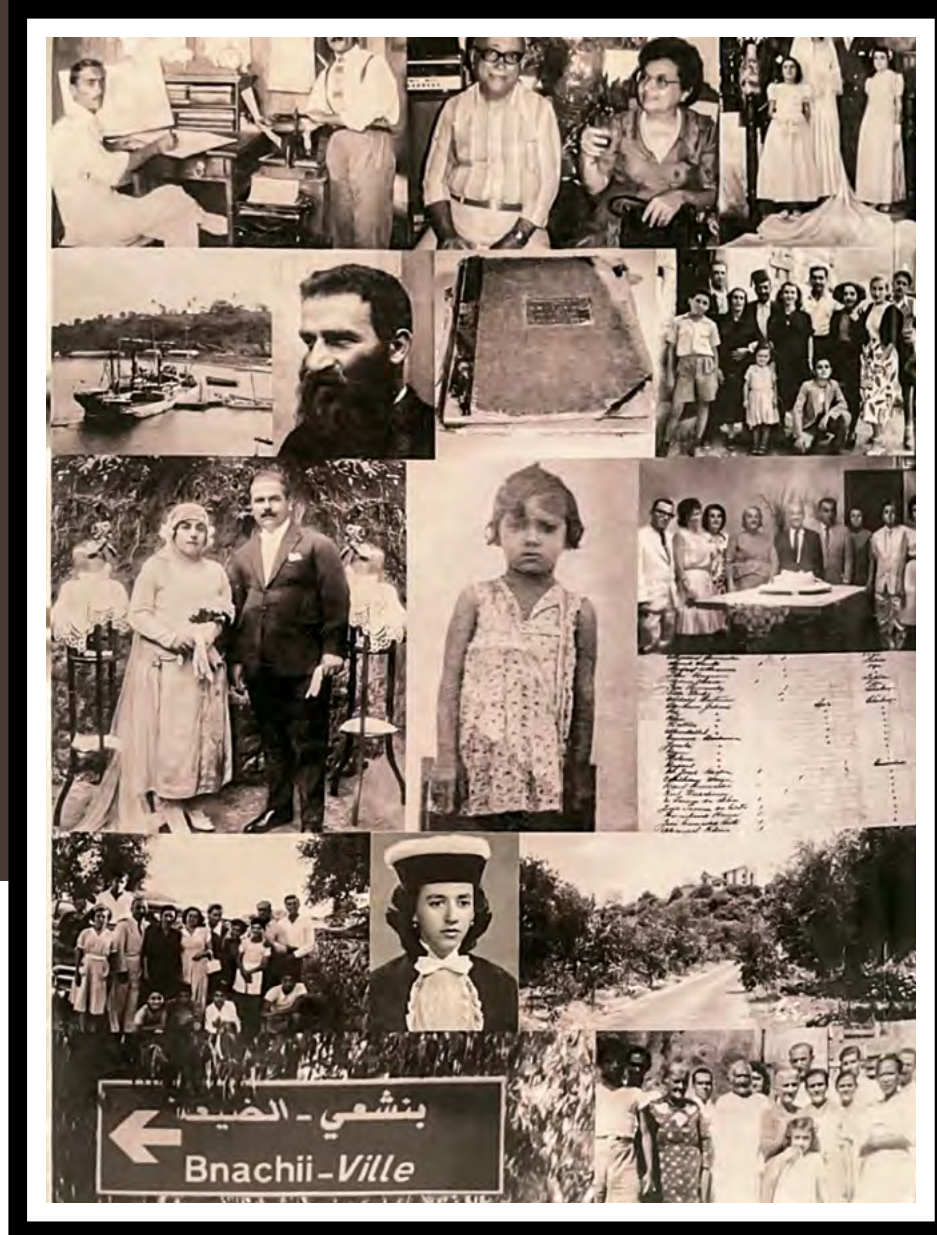
Conhecendo melhor o Líbano conheci melhor o libanês que trago em mim. É por isso que choro fácil e me emociono em casamentos

até de quem não conheço bem. É por isso essa emoção incontida. É por isso que eu amo comer e dividir minha comida. É por isso que eu ando em bando, que tenho alma de Kombi, que vivo cheio e cercado de gente. É por isso que gosto tanto de imóveis, mesmo quando não preciso. E vou assim acumulando e guardando, devido a um medo que vem de longe. É por isso que sou generoso. Que amo dar mais presente do que receber. É por isso que adoro agradecer e receber meus amigos, e não descanso para que eles descansem sob minha tenda. É por isso que eu adoro vender. Que tenho essa alma de mascate. Que adoro negociar. Que adoro pechinchar. É por isso que herdei a tendência de engordar na cintura. É por isso que amo tanto tomate. É por isso que falo alto e sonho alto. É por isso que nasci na Bahia, fui para o Rio e moro em São Paulo. É por isso que me sinto em casa no

FOTO: GERMANO LUDERS



Para o publicitário Nizan Guanaes, “como a Bahia, o Líbano é um lugar abençoado. Mas Deus não faz todo o trabalho. Os homens e as mulheres têm de completar o trabalho de Deus. E nisso os libaneses não podem estar faltando”



De Bnachii - no distrito Zgharta, norte do Líbano - para a Bahia, um painel de fotos que ilustram as raízes libanesas de Nizan Guanaes

mundo. Porque sou Mansur, neto de Helena, filho de Emeraud, primo de Elias das Lojas Salume e de Antônio da Farmácia Elias, primo dos Aziz, dos Raimundo, dos Reaiche e dos Coury. E esse cheiro de quibe, esse choro, essa conversa de mascate, esse gênio e essa genialidade fazem de mim o que sou.

Por tudo isso, eu não tenho dúvida de que, como a Bahia, o Líbano é um lugar abençoado. Mas Deus não faz todo o trabalho. Os homens e mulheres têm de completar o trabalho de Deus. E nisso os libaneses podem estar faltando.

A guerra é coisa dos homens. As divisões

negativas são coisas dos homens. O Líbano tem essa força toda porque, no umbigo do mundo, reuniu e misturou de tudo. Mas a diversidade construtiva em algum momento se tornou diversidade destrutiva. E a tragédia do Porto de Beirute parece ser mais um sinal dessa sina, que precisa parar.

Que das cinzas, como Fênix, surja um novo e bom governo, um novo caminho, uma paz que transforme o Líbano em Líbano de novo. ■

***Nizan Guanaes, empresário,
é criador da N Ideias**

FOTO: ALBUM DE FAMÍLIA



Câmara Árabe solidariza-se com o povo libanês

A Câmara de Comércio Árabe-Brasileira expressa sua mais profunda solidariedade ao povo libanês e à comunidade de origem libanesa no Brasil, entristecidos e enlutados pela tragédia ocorrida no dia 4 de agosto de 2020 em Beirute.

A Câmara Árabe está promovendo campanhas para a arrecadação de doações destinadas à ajuda humanitária à população de Beirute. Com esse objetivo, foi aberta uma conta específica e exclusiva para receber esses donativos que serão encaminhados para a Cruz Vermelha Libanesa.

As doações poderão ser feitas pelo QR Code abaixo ou diretamente pela conta da entidade.

Some-se à Câmara Árabe na ajuda ao Líbano!



Câmara de Comércio
Árabe Brasileira
الغرفة التجارية
العربية البرازيلية

Banco Santander

Nº Banco: 033

AG: 3681

CC: 130033415

CNPJ: 62659784000111

Empresa: CAMARA DE COMERCIO ARABE BRASILEIRA





ESPECIAL
LÍBANO

Guilherme Afif Domingos

OS FILHOS DO GRANDE LÍBANO NO BRASIL

A partir da história de sua família, o político fala da trajetória dos imigrantes e do orgulho de ser brasileiro descendente de libaneses

“**O**s descendentes de libaneses têm uma relação comovente com o Líbano. É um sentimento de ancestralidade com uma civilização tão antiga que sem dúvida marca a índole de um povo. Somos todos descendentes de imigrantes. E porque não dizer de exilados, já que essas pessoas precisaram sair de suas terras por falta de oportunidade e buscaram novos caminhos em países que desconheciam. É o caso da diáspora libanesa no Brasil.

Nossos ancestrais chegaram aqui antes mesmo da criação do próprio país, que hoje comemora 100 anos. O Líbano existia como marca territorial, mas era uma terra dominada primeiramente pelo Império Otomano e foi pioneira na imigração para o Brasil.

Os primeiros imigrantes chegaram com passaportes turcos. É comum ainda ouvirmos: “o fulano é turco”, quando, na realidade, os turcos “de verdade” eram minoria e não compuseram a primeira leva de imigrantes no Brasil.

Meu avô materno, Guilherme, foi da segunda leva de imigrantes. Ele, apesar de nascido

FOTO: CHARLES DAMASCENO



Quando candidato à Presidência da República, em 1989, Guilherme Afif Domingos sentiu a força do imigrante sírio-libanês no Brasil em todos os lugares que visitou

em Trípoli (Líbano), tinha em seu registro a nacionalidade síria, bem como todos que vieram na mesma época. Já meu avô paterno, Jorge, era de Kafar Hata, uma aldeia na região montanhosa do Líbano, e sua mãe, minha bisavó, era de Damasco (Síria).

Estes últimos eram sírios e libaneses que chegaram aqui por conta da perseguição religiosa de 1860, quando houve o massacre dos cristãos. Eles deram início à primitiva migração síria e libanesa, de maioria cristã, para o Brasil. Posteriormente, quando houve a delimitação do que era território sírio e território libanês, foi possível desenhar melhor qual era a ascendência de cada um.

Chegando ao Brasil misturaram-se todos e então surgiu a imensa colônia sírio-libanesa, que aliás leva o nome de um dos hospitais mais famosos do País, o Sírio-Libanês. A colônia reunia os cidadãos sírios e libaneses, predominantemente cristãos ortodoxos e maronitas que fugiram da perseguição religiosa. Esta realidade marcou uma força muito grande em nossa coletividade, especialmente em São Paulo.

Aqui eles formaram, além da atividade empresarial, núcleos de excelência na medicina, no direito e se destacaram em todas as atividades econômicas e sociais. Além da denominação sírio-libanesa, se agregaram em dois grandes clubes em São Paulo: o Clube Atlético Monte Líbano e o Esporte Clube Sírio, além de vários outros clubes que representam cidades como Rachaia, Marjayoun e Zahle.

Com o privilégio de percorrer o Brasil quando candidato à Presidência da República, em 1989,

“ A coletividade está espalhada pelo Brasil em todas as regiões e revela a capacidade de exploração de um povo desbravador ”

“ Os primeiros imigrantes chegaram com passaportes turcos. É comum ainda ouvirmos: ‘o fulano é turco’ ”

senti a força do imigrante sírio-libanês em todos os lugares que visitei. Da capital dos estados mais distantes ou até no interior da floresta amazônica sempre havia uma família de sírios ou libaneses. E o comércio sempre foi a base deste relacionamento. Um exemplo da força da nossa colônia na Bahia foi citado até por Jorge Amado, na figura do dono do Bar Vesúvio, o senhor Nacib.

A coletividade sírio-libanesa está espalhada pelo Brasil em todas as regiões e revela a capacidade de exploração de um povo desbravador. Um exemplo é o grande médico Adib Jatene, nascido em Xapuri, no Acre. O reflexo dessa coragem aparece também na representação política, onde a proporção de descendentes sírios e libaneses é muito maior que das demais nacionalidades, marcando essa característica de liderança e relacionamento.

Na comemoração dos 100 anos da fundação do Líbano, presto minha homenagem aos pioneiros que saíram de suas terras com destino ao desconhecido e adotaram o Brasil como seu país. Hoje em dia, o brasileiro que visita o Líbano é tratado como libanês, baseado na sua origem e capacidade de relacionamento.

Esta homenagem é de extrema importância e nos orgulha por sermos descendentes desses pioneiros. O Brasil é o país que nos acolheu e nos aceitou sem nenhuma discriminação, por isso me orgulho de ser um brasileiro abençoado pela nossa origem libanesa. ■

***Guilherme Afif Domingos é assessor especial do Ministério da Economia, ex-ministro da Micro e Pequena Empresa e neto de imigrantes libaneses**



MENSAGEM DO
CÔNSUL HONORÁRIO

Makram Said

O PODER
MILENAR DE
UMA NAÇÃO

A pesar do momento dramático vivido pelo povo libanês - a crise política e econômica agravada pela devastadora explosão ocorrida em agosto, no porto de Beirute - há motivos para se orgulhar e comemorar o centenário do Grande Líbano.

Existe toda uma história de descobertas, avanços e conquistas que remonta à Antiguidade e se confunde com a própria história da humanidade. A criação do alfabeto, a navegação em grandes distâncias, a expansão do comércio e da cultura entre Oriente e Ocidente são nossos marcos civilizatórios decisivos. Assim como o sentimento inabalável de nação, que tem sobrevivido por milhares de anos a inúmeros conflitos e invasões, forjando um povo plural, receptivo e hospitaleiro, orgulhoso de sua terra e de seus costumes.

O Líbano tem essa característica de enfrentar dramas e lutas, sempre seguindo em frente, de cabeça erguida, legando às gerações seguintes ideais de honra e liberdade. Agora, mais uma vez, nossa preciosa herança ancestral nos guiará rumo à uma nação livre, generosa e justa, admirada pelo mundo em diversas épocas.

É a verdadeira grandeza do Líbano.

***Makram Said é cônsul honorário do Líbano no Pará**



MENSAGEM DO
CÔNSUL HONORÁRIO

**Hanna Mtanios
Hanna Júnior**

O ETERNO
GRANDE LIBANO

Há 100 anos se estabelecia o Grande Líbano. Não o país, mas a República. Pois o Líbano, a ideia, a entidade e a História já ali estava, há sete mil anos, com Biblos, fenícios, o primeiro alfabeto, as primeiras embarcações singrando os mares na vocação inquestionável do livre comércio.

O Grande Líbano nasceu muito antes e sobrevive há milênios na força empreendedora de sua gente. Sua cultura uniu gregos e romanos no vale do Bekaa e aperfeiçoou construções históricas. Sua posição estratégica acolheu povos os mais diversos e por ali estiveram egípcios, hititas, assírios, babilônios, persas, bizantinos. Além de figuras emblemáticas como Jesus Cristo, Alexandre o Grande, as Cruzadas, essa gente encantada que definiu caminhos para a Humanidade. O Líbano é uma grande teia cultural de crescimento, criatividade, superação, que não conheceu nenhum limite ao longo dos séculos.

Salve, Grande Líbano, mãe-pátria de todos nós!
***Hanna Mtanios Hanna Júnior é cônsul honorário do Líbano em Goiânia**



ESPECIAL
LÍBANO

José Roberto Tadros

O LÍBANO ESTÁ EM NOSSOS CORAÇÕES

Nos 100 anos do Grande Líbano, “mais uma vez
Beirute irá se reerguer e renascer ainda mais forte”

“**A** proclamação do Estado do Grande Líbano acaba de completar 100 anos, mas o país tem milhares de anos de história. Hoje uma sofisticada síntese entre Oriente e Ocidente, cada vez mais visitado por turistas de todo o mundo em busca de suas belezas naturais e de sua imensa riqueza cultural e histórica, o Líbano é superlativo em sua influência sobre a construção dos alicerces do mundo civilizado.

Os fenícios, ancestrais libaneses cujas relíquias ainda encantam em Biblos, são protagonistas de grandes avanços para a civilização, como a invenção do alfabeto e da escrita, o desenvolvimento das técnicas de navegação, a produção de tapetes, cerâmica, vinho, artesanato de pedra, metais e madeira. Foram eles, que surgiram 1.500 anos antes de Cristo, os descobridores do pigmento vermelho que, produzido a partir de uma espécie rara de molusco marinho, tornou-se a cor púrpura que adorna o manto da realeza.

Para os que têm a oportunidade e a bênção de visitar esse belíssimo país, desembarcar em Beirute é penetrar em uma cultura marcada pela autenticidade; na luta incessante pela convivência harmônica entre católicos, muçulmanos e refugiados de vários pontos do Oriente; e em construções que exibem cicatrizes das guerras lado a lado a edifícios contemporâneos de refinada arquitetura e que são uma amostra concreta da resiliência dos libaneses.

À Raouche, cuja beleza das grandes rochas é uma homenagem da natureza à força desse povo que não esmorece, se soma o encanto de ruas e bairros que parecem imutáveis há décadas, mas onde a modernidade se confirma na elegância das vestes dos moradores e na oferta de bares, restaurantes e casas noturnas que tornam a capital libanesa uma das mais interessantes cidades do mundo.

Infelizmente, todas essas maravilhas estão, hoje, obscurecidas pela destruição provocada pela explosão que, tão perto da comemoração do centenário, veio se juntar às outras tragédias já vivenciadas por essa

FOTO: DIVULGAÇÃO



Para José Roberto Tadros, o Líbano através dos seus descendentes floresce em sementes que foram plantadas pelos imigrantes no Oriente e no Ocidente

em Trípoli (Líbano), tinha em seu registro a nacionalidade síria, bem como todos que vieram na mesma época. Já meu avô paterno, Jorge, era de Kafar Hata, uma aldeia na região montanhosa do Líbano, e sua mãe, minha bisavó, era de Damasco (Síria).

Estes últimos eram sírios e libaneses que chegaram aqui por conta da perseguição religiosa de 1860, quando houve o massacre dos cristãos. Eles deram início à primitiva migração síria e libanesa, de maioria cristã, para o Brasil. Posteriormente, quando houve a delimitação do que era território sírio e território libanês, foi possível desenhar melhor qual era a ascendência de cada um.

Chegando ao Brasil misturaram-se todos e então surgiu a imensa colônia sírio-libanesa, que aliás leva o nome de um dos hospitais mais famosos do País, o Sírio-Libanês. A colônia reunia os cidadãos sírios e libaneses, predominantemente cristãos ortodoxos e maronitas que fugiram da perseguição religiosa. Esta realidade marcou uma força muito grande em nossa coletividade, especialmente em São Paulo.

Aqui eles formaram, além da atividade empresarial, núcleos de excelência na medicina, no direito e se destacaram em todas as atividades econômicas e sociais. Além da denominação sírio-libanesa, se agregaram em dois grandes clubes em São Paulo: o Clube Atlético Monte Líbano e o Esporte Clube Sírio, além de vários outros clubes que representam cidades como Rachaia, Marjayoun e Zahle.

Com o privilégio de percorrer o Brasil quando candidato à Presidência da República, em 1989,

“ A coletividade está espalhada pelo Brasil em todas as regiões e revela a capacidade de exploração de um povo desbravador ”

“ Os primeiros imigrantes chegaram com passaportes turcos. É comum ainda ouvirmos: ‘o fulano é turco’ ”

senti a força do imigrante sírio-libanês em todos os lugares que visitei. Da capital dos estados mais distantes ou até no interior da floresta amazônica sempre havia uma família de sírios ou libaneses. E o comércio sempre foi a base deste relacionamento. Um exemplo da força da nossa colônia na Bahia foi citado até por Jorge Amado, na figura do dono do Bar Vesúvio, o senhor Nacib.

A coletividade sírio-libanesa está espalhada pelo Brasil em todas as regiões e revela a capacidade de exploração de um povo desbravador. Um exemplo é o grande médico Adib Jatene, nascido em Xapuri, no Acre. O reflexo dessa coragem aparece também na representação política, onde a proporção de descendentes sírios e libaneses é muito maior que das demais nacionalidades, marcando essa característica de liderança e relacionamento.

Na comemoração dos 100 anos da fundação do Líbano, presto minha homenagem aos pioneiros que saíram de suas terras com destino ao desconhecido e adotaram o Brasil como seu país. Hoje em dia, o brasileiro que visita o Líbano é tratado como libanês, baseado na sua origem e capacidade de relacionamento.

Esta homenagem é de extrema importância e nos orgulha por sermos descendentes desses pioneiros. O Brasil é o país que nos acolheu e nos aceitou sem nenhuma discriminação, por isso me orgulho de ser um brasileiro abençoado pela nossa origem libanesa. ■

***Guilherme Afif Domingos é assessor especial do Ministério da Economia, ex-ministro da Micro e Pequena Empresa e neto de imigrantes libaneses**



MENSAGEM DO EMPRESÁRIO

Antoine Daher

É PRECISO CELEBRAR O LÍBANO SEMPRE

É paradoxal que em 2020, marco do centenário da fundação do Grande Líbano, o país enfrente um momento tão delicado e dramático. À crise política e econômica, que vem se arrastando desde o ano passado, somou-se a pandemia global de Covid-19 e, no último mês de agosto, a trágica explosão no porto de Beirute - cujos efeitos devastadores ainda se fazem sentir na capital libanesa.

Não é a primeira vez que o Líbano e seu povo enfrentam revezes provocados por crises de governo, conflitos de poder e catástrofes - naturais ou provocadas por mãos humanas. E mais uma vez deve provar sua força e vocação de sobrevivente.

A pronta resposta de auxílio por parte de vários países, logo após o desastre em Beirute, mostra que a aura do Líbano como nação cosmopolita, amante da paz e da liberdade, continua relevante no mundo de hoje.

Por isso é importante celebrar os 100 anos do Grande Líbano oferecendo apoio e solidariedade ao país que atravessa um momento desafiador. E que os libaneses - tanto os que lá vivem como os que se encontram espalhados pelo mundo - possam celebrar novamente essa terra bela, próspera e generosa.

***Antoine Daher é empresário, fundador da Casa Hunter e presidente da Federação Brasileira das Associações de Doenças Raras (Febrararas)**



MENSAGEM DO CÔNSUL HONORÁRIO

Eid Toufic Anbar

EM SOLIDARIEDADE AO POVO LIBANÊS

Gostaria de manifestar toda a minha solidariedade, e a solidariedade dos membros da comunidade líbano-brasileira no Mato Grosso do Sul, ao povo libanês pela tragédia vivida com a explosão que devastou porto de Beirute, ocorrida no dia 4 de agosto.

O povo libanês é um genuíno promotor da paz, da tolerância e da democracia e, neste momento de dor e consternação, expresso meu profundo sentimento de pesar às inúmeras famílias que enfrentam, com angústia e resignação, a dor da irreparável perda de seus entes queridos.

Tenho a certeza de que o povo libanês vai se reerguer, reconstruir seus lares e confortar suas famílias, como sempre fizeram nossos antepassados ao longo dos séculos.

Aproveito também essa ocasião de confraternização e espírito solidário para congratular o Governo libanês e os libaneses pelos 100 anos da fundação do Grande Líbano - em 1º de setembro de 1920. Um país tão antigo quanto a História, porém sempre jovem, liberal, hospitaleiro, pleno de cultura, ponto de encontro entre Oriente e Ocidente, respeitado por outros povos e nações.

Trabalhemos juntos para reconstruir Beirute e manter o Líbano como um oásis de paz, tolerância e democracia, motivo de orgulho para nós em seu segundo centenário.

***Eid Toufic Anbar é cônsul honorário do Líbano no estado de Mato Grosso do Sul**



ESPECIAL
LÍBANO

Paulo Skaf

ALÉM DA SOLIDARIEDADE DIPLOMATICA

O empresário e político tece suas impressões depois de participar da missão humanitária brasileira enviada ao Líbano. Sobretudo, ele lembra de suas origens e da ligação especial entre os dois países

“**F**oi muito gratificante participar dessa missão humanitária, para a qual fui convocado pelo presidente Jair Bolsonaro, chefiada pelo ex-presidente Michel Temer. Um lindo gesto do Brasil, que tem espírito solidário com todas as nações, mas com o Líbano existe uma relação especial, mais próxima. A presença do presidente Bolsonaro, vindo especialmente de Brasília para acompanhar a partida da missão, em São Paulo, dá a medida da importância dessa relação entre os dois países.

Meu pai era libanês e o Brasil tem mais de 10 milhões de libaneses e descendentes vivendo aqui. Então, vejo de forma natural essa missão tão

relevante em um momento difícil para os nossos irmãos. É nessas horas, quando a ajuda é para um país irmão, que a solidariedade já característica do Brasil se acentua.

Assim que chegamos, tivemos compromisso com o presidente do Líbano e com o primeiro-ministro, além de encontros com grupos que incluíam líderes comunitários e religiosos locais. Depois houve a entrega oficial dos suprimentos, contendo alimentos e remédios, somando mais de seis toneladas. Foi um momento particularmente importante, devido à extensão do desastre. em visita ao porto de Beirute pudemos ver de perto a dimensão do estrago causado por esse lamentável acidente.

Mas a ajuda não parou por aí. Depois que retornamos já foram enviados outros suprimentos,

para ajudar ao povo dessa nação tão linda, parte por navio e parte por avião. Eu e o ex-presidente Michel Temer também acompanhamos o carregamento dos suprimentos aqui em São Paulo rumo ao porto de Santos. A comunidade libanesa do Brasil está muito unida no propósito de ajudar nossos irmãos.

Passamos 24 horas intensas no Líbano, foi muito gratificante participar desta missão humanitária e rever este país tão especial. O Líbano é muito bonito, especialmente no verão, quando as noites são maravilhosas. Espero, de coração, que os irmãos libaneses superem o mais rápido possível este momento difícil e que os laços que unem Brasil e Líbano permaneçam cada vez mais fortes. ■

“**Foi muito gratificante participar dessa missão humanitária, para a qual fui convocado pelo presidente Jair Bolsonaro, chefiada pelo ex-presidente Michel Temer**”



Paulo Skaf participou da comitiva da missão humanitária brasileira que levou auxílio e solidariedade ao povo libanês

FOTO: DIVULGAÇÃO



ESPECIAL
LÍBANO

dom Theodore Elias Ghandour

PELO ESPÍRITO DE UNIÃO E COEXISTÊNCIA

“Uma pátria só se cria com a superação do individualismo pelo interesse coletivo comandado pela fé”

É em um contexto muito triste que o Grande Líbano comemora o centésimo aniversário de sua criação. Assolado durante meses por uma crise multifacetada, o país foi ferido no coração, em 4 de agosto último, pela explosão de nitrato de amônia no porto de sua capital, Beirute. Revoltados e desesperados com a inércia da classe política, os libaneses não estão imbuídos no espírito de celebração.

Depois de um século, o Líbano que conseguiu manter a independência de suas fronteiras e de seu status, não conseguiu modernizar seu sistema

político, entranhado em suas instituições estatais e na estrutura de poder.

O centenário de um país em situação crítica, que convida cada um de nós a confiar a nação à graça divina e à Nossa Senhora Mãe de Deus, para zelar pela nossa terra e seus habitantes e para fazer voltar a florescer o Líbano, este país que faz parte dos Lugares Santos amados por Deus.

Lembrem-se também de que vocês devem estar preparados para sacrifícios reais por nossa nova pátria. Uma pátria só se cria com a superação do individualismo pelo interesse coletivo comandado pela fé. Hoje vejo o Grande Líbano como o sagrado lote de esperanças e sacrifícios que este



Segundo dom Theodore, o Líbano conseguiu manter a independência durante um século, mas não conseguiu modernizar seu sistema político

momento solene nos traz.

Todos devemos aprender as lições da guerra onde nosso povo se matou durante anos; cada lado acreditando poder derrotar o outro e subjugá-lo. A paz só poderia ser estabelecida quando o espírito de união e coexistência prevalecesse. Queremos que este Grande Líbano seja um país de luz, liberdade, diversidade. Terra de fé e amor.

Viva o grande povo do Líbano, viva o Líbano! ■

***Dom Theodore Elias Ghandour é bispo de Apamea e vigário patriarcal para o Vicariato Patriarcal Antioquino da Igreja Católica Apostólica Ortodoxa no Rio de Janeiro**

“ Vocês devem estar preparados para sacrifícios reais por nossa nova pátria. Uma pátria só se cria com a superação do individualismo pelo interesse coletivo ”

FOTO: DIVULGAÇÃO



ESPECIAL
LÍBANO

LÍBANO VISTO PELA NOVA GERAÇÃO

O bom combate dos libaneses, ao longo da história,
para a liberdade e a prosperidade das novas gerações

Por Edmo Atique Gabriel e Silvia Morani Massad*

A história e a trajetória do povo libanês são pautadas por lágrimas. Lágrimas denotando distintos cenários que desafiaram muitas gerações. Houve tempos sombrios de perseguição, tempos profícuos de arrojo e tempos de fé em questões incertas e invisíveis.

Somente raízes muito fortes para não sucumbir ao poder das intempéries, somente colunas muito rígidas para verdadeiramente sustentar princípios e valores. Tal como na cidade de Kawkaba, por onde pressupõe-se que Jesus Cristo passou e tocou a terra com suas mãos, fazendo brotar vorazes fontes de água viva, fervilham nas veias do povo libanês o amargor da dor e o sabor do triunfo. A natureza testemunhou esta trajetória, as rosas exalando seu perfume e as olivas temperando os percalços com seu inigualável azeite.

A trajetória do povo libanês foi ousada e vívida em dramaticidade, contrapondo teoremas e conceitos, como o clássico postulado do geômetra grego Euclides - “entre dois pontos distintos, existe e é única a reta que passa por elas”. O povo libanês construiu sua trajetória de forma absolutamente imprevisível, com requintes de inconstância, prevalecendo os íngremes traços de sinuosidade e insidiosidade. Indubitavelmente a trajetória dos libaneses não seguiu o curso euclidiano, pois a reta tornou-se uma curva ascendente e descendente, com muitas ruínas e inúmeros renascimentos.

Quantas confidências e confissões perderam-se nos porões dos navios que transportavam libaneses para destinos tão incertos! Quantas vidas foram devoradas pela volúpia dos oceanos! Quantos talentos foram tolhidos de despontar em virtude de tantas viagens fatigantes que não se completaram! Quantas mães choraram a morte de seus filhos, frágeis e debilitados! A trajetória

do povo libanês não foi, não é e nunca será uma mísera reta!

A influência dos fenícios foi magistralmente grandiosa no comportamento do povo libanês. Primeiramente pelo espírito empreendedor e, sobretudo, pela perseverança em inovar e buscar os melhores recursos para a subsistência e para a posteridade das gerações vindouras. Os libaneses desenvolveram suas atividades laborais, muitas delas fundamentadas no comércio e na força dos “mascates”, não somente para alimentar suas famílias, mas principalmente para alimentar seus sonhos e a esperança de um futuro melhor. Os fenícios notabilizaram-se pelo assíduo trabalho no comércio e navegação e por iniciativas relevantes no âmbito cultural, como a criação de um alfabeto.

O povo libanês seguiu com maestria esta mesma linha de trabalho, notadamente no comércio de insumos, alimentos e utensílios, sem pudor de trabalhar horas a fio durante a semana e aos finais de semana, enfrentando uma rotina extenuante e continuamente executando ações desbravadoras. Não bastasse este empenho hercúleo nas atividades comerciais, muitos libaneses priorizaram a formação acadêmica, os estudos, a incorporação do conhecimento oriundo das letras, ciências e diferentes pensamentos. Gibran Khalil Gibran profetizava que “o importante para uma pessoa não são os seus sucessos, mas sim quanto os deseja.”

Um importante berço cultural do povo libanês e que retrata fidedignamente este histórico de tenacidade em agregar valores culturais e humanísticos é a cidade de Dhour Choueir, localizada ao norte de Beirute, na província de Monte Líbano. Nesta cidade, existe a tradição de incentivar

“ A trajetória dos libaneses não seguiu o curso euclidiano, pois a reta tornou-se uma curva ascendente e descendente ”

FOTOS: DIVULGAÇÃO



Silvia Morani Massad e Edmo Atique Gabriel honrando suas raízes e os valores de seus ancestrais

a produção cultural nos âmbitos da música, cinema, literatura, política e estudos em geral.

A verve cultural é tão representativa nesta cidade que, mesmo aqueles indivíduos mais simples, que não tiveram oportunidades de qualificação intelectual, são fomentadores de valores filosóficos e reflexivos. Nunca é tarde para mencionar e exaltar que o conhecimento, segundo a tradição libanesa, é o magnífico patrimônio de uma pessoa. A tradicional família Jafet, oriunda de Choueir, teve como seu principal representante Nami Jafet, formado em Artes e Ciências, como um dos alunos de maior destaque na Universidade Americana de Beirute. Além de todo o renome como acadêmico, Nami foi o baluarte do empreendedorismo da família Jafet no Brasil, capitaneando a constituição de um verdadeiro império no setor industrial. No campo da teologia e das ciências linguísticas, a cidade de Choueir eternizou-se nos textos do escritor Abraham Mitrie Rihbany, cuja carreira professoral e ministerial foi consolidada nos Estados Unidos, deixando magníficos livros como “As cinco interpretações de Jesus” de 1940. Salwa Chuckri Nassar, também nascida em Dhour Choueir, foi uma extraordinária cientista, bacharel e doutora em física - estudiosa no campo dos átomos e partículas, como “mesotrons” - e a fundadora do Instituto Libanês de Pesquisa Científica.

Um dos mais renomados escritores e poetas libaneses do século 20, Khalil Hawi, nascido e criado na região de Dhour Choueir, foi intelectual de escol não somente por suas antologias poéticas, mas também por sua luta política em prol do Líbano.

Um dos livros sagrados de maior majestuosidade, a Bíblia, tem seu nome atribuído a Biblos, cidade libanesa considerada como a mais antiga do mundo. Assim, a luta e esperança do povo libanês está enraizada nas passagens bíblicas, que refletem a subordinação do povo libanês a um Ente Criador. Para conquistas imponentes, não basta simplesmente lutar, é mister resiliência e sabedoria diante do sofrimento.

A esperança do povo libanês em propagar seus valores, criar bases intocáveis de sua essência, nada mais foi do que o alicerce de uma luta quase interminável ao longo dos séculos, batalhas de sangue e de fé. No livro de Jeremias,

a profundidade de um excerto que simboliza e vaticina o sofrimento da luta histórica dos libaneses: “Tu que moras no Líbano e fazes teu ninho nos cedros, quanto haverás de gemer, presa das dores, e das convulsões semelhantes às da mulher ao dar à luz!”. No livro dos Salmos, a prosperidade e o florescimento são comparados, utilizando o Líbano como uma importante referência: “Como a palmeira, florescerão os justos, elevar-se-ão como o cedro do Líbano.”

As guerras e a intolerância religiosa, emolduradas por uma expressiva crise socioeconômica, foram determinantes para produzir um ambiente de pleno desespero no seio de muitas famílias libanesas. A despeito do Líbano ser uma terra de muitas tradições culturais e familiares, a luta dos libaneses condicionou-se a buscar paz a qualquer preço, ainda que para isto a imigração para destinos longínquos fosse a melhor solução. Os libaneses souberam, com incríveis méritos, saborear a desilusão de deixar sua terra natal e estabelecer um novo renascimento em outros continentes. Embora os registros possam ser escassos ou incompletos, houve muitos pais de família que chegaram completamente sós, sem recursos materiais e financeiros e começaram a trabalhar até conseguir determinar sua função na sociedade de outro país.

Muitos fatos relativos à luta do povo libanês ao longo das décadas merecem dignos aplausos; contudo, cabe destacar que somente uma formação de personalidade extremamente destemida suportaria enfrentar a rejeição, o preconceito, as recusas e a incredulidade em terras estranhas. Esta postura destemida, somada ao clamor

“ A Bíblia, tem seu nome atribuído a Biblos, cidade libanesa considerada como a mais antiga do mundo ”

da esperança de uma vida melhor, dignificou libaneses em sua luta para desbravar, inovar e construir um legado quase que inatingível.

Em sentido literal, a palavra ambição pode denotar uma atitude rompante. Não seria exagero algum afirmar que a ambição foi propulsora da luta dos libaneses ao longo de sua profícua história. Ambição no sentido de veemência e fervor pela conquista de seus ideais, jamais no sentido de soberba. Aliás, o povo libanês sempre lutou com duas armas consideravelmente potentes - a humildade e a ambição. Os libaneses, seja no próprio Líbano ou em terras distantes, “combateram o bom combate”, para que as gerações vindouras pudessem desfrutar de oportunidades nos âmbitos financeiro e cultural. Quantos libaneses mascates que conseguiram proporcionar aos seus filhos o privilégio de estudar em importantes universidades, quantos libaneses mascates deixaram de lado suas vaidades para converter seu trabalho no engrandecimento intelectual de seus filhos!

Não se pode dimensionar a capacidade do povo libanês de encontrar paz e satisfação mediante condições inóspitas. Saber conviver com a dor e com a escassez e, ainda sim, ter orgulho de seu próprio caráter e de suas origens, valorizando-se como pessoa, como país, como parte relevante na história da humanidade, forjou a luta dos libaneses na conquista de seu espaço e na obtenção de reconhecimento por grandiosas obras em todos os campos do conhecimento.

A luta do povo libanês resultou em conquistas exitosas graças às contumazes atitudes diante das adversidades. Pode-se dizer que os libaneses criaram seu próprio código de condutas, impressionando a todos que estavam próximos e cativando outros imigrantes de forma absolutamente perene.

Tavares de Almeida, em sua obra “Oeste Paulista - A Experiência Etnográfica e Cultural”, de 1943, destaca alguns traços interessantes que marcaram a luta dos libaneses ao longo do tempo:

- Os libaneses “farejavam todas as casas, na oferta reiterada das quinquilharias e retalhos de seu baú.”

- “Quase impossível ver um mendigo de nacionalidade libanesa vagar pelas ruas da cidade.”

- Fórmula de sucesso descrita por uma imigrante, Rani Haddad: “Começa com o comércio,

“ A luta do povo libanês resultou em conquistas exitosas graças às contumazes atitudes diante das adversidades ”

abastece bem a loja, tem dinheiro para comprar à vista, porque consegue preço melhor, tem sua casa própria e seus dois carros em ordem e garante o estudo dos filhos. Daí o que sai de lucro, daí em diante vai aplicando em coisas diferentes: prédios, terrenos, imóveis, casas, fazendas, vai se aplicando na parte que dá mais lucro. Mas mantém o comércio sustentando. Até que aquela outra parte não começa a sustentar, não larga o comércio.”

Traçar o destino de um povo, que tradicionalmente nunca se entregou ao ardor do fogo e das bombas, seria uma questão meramente especulativa. Contudo, uma história de tenacidade e entrega faz estremecer a terra e bramir o silêncio das pedras. O futuro do povo libanês, considerando tantas ruínas e renascimentos e, mais recentemente, uma tragédia de proporções inimagináveis como a explosão no porto de Beirute, dependerá da união do povo e do verdadeiro compromisso das autoridades governamentais.

O povo libanês terá de conviver com a aleatoriedade e a incerteza, mas sem perder sua essência, seus princípios e sobretudo sua filosofia de manter a fé ante o incerto e o invisível. Nassib Nicholas Taleb, respeitado economista líbano-americano, advoga que “a incerteza é algo presente, desejável é necessário para a evolução.” Dessa forma, resta claro que não há duas opções ao povo libanês tocante ao futuro; o povo libanês deverá buscar inexoravelmente a sua evolução. ■

***Edmo Atique Gabriel é professor e médico cardiologista. Silvia Morani Massad é advogada e escritora**



ESPECIAL
LÍBANO

Carol Maluf

É PRECISO DEVOLVER O LÍBANO A QUEM É DE DIREITO

**“Ser libanês é amar a vida acima de tudo e ser grato por ela,
é saber apreciar cada momento e viver intensamente”**

“Neste centenário do Grande Líbano, fui gentilmente convidada pelo meu amigo, o editor Fouad Naime, para escrever sobre o significado da data e a importância de ser imigrante libanês. Porém, antes disso peço licença ao caro leitor para, em um instante, dizer o que realmente é o Líbano e o que ele não é.

O Líbano não é mais um país de língua árabe, não é uma igreja, uma mesquita ou sinagoga, também não é um campo de treinamento de terroristas, nem o depósito de quinquilharias e ‘personas non gratas’ dos países que lhe fazem fronteira. Além disso, o Líbano não é a Disney nem a Las Vegas

dos reis e rainhas dos petrodólares. E, antes que eu me esqueça, o Líbano também não é lavanderia de dinheiro dos cambistas internacionais e muito menos o paraíso fiscal de todos os bandidos do Oriente Médio. Chegou a hora de deixar isso bem claro para o mundo e devolver o país a quem lhe é de direito. Mas quem tem de devolver o Líbano para quem? Quem tem de devolvê-lo para seus filhos, são todos aqueles que colocaram seus interesses pessoais acima de uma nação. Aqueles que colocaram sua ganância, sua religião, seus partidos, suas famílias e seus egos inflados acima do povo Libanês.

Ser libanês é, antes de mais nada, amar a terra e suas águas, ser culto e interessado, buscar o conhecimento para crescer intelectual e espiritualmente todos os dias.

FOTOS: DIVULGAÇÃO



Nas palavras de Carol Maluf: “Ser libanês é, antes de mais nada, amar a terra e suas águas, ser culto e interessado, buscar o conhecimento para crescer intelectual e espiritualmente todos os dias”



Ibrahim e Mireille Maluf, pais de Carol, são inspiração permanente para a filha: "Como dizia meu pai, o Líbano era bom demais para ser verdade e um péssimo exemplo para os rancorosos que não conseguiam obter o mesmo privilégio"

Ser libanês é amar a vida acima de tudo e ser grato por ela, é saber apreciar cada momento e viver intensamente.

Ser libanês é fazer uso de todos os sentidos e apreciar a culinária, a música, a dança, os aromas e as belezas que nos cercam.

Ser libanês é um estado de espírito e isso ninguém pode tirar de ninguém.

É ser o fenício de milhares de anos atrás, dos tempos da construção do primeiro porto do mundo, em Biblos.

Porém, nestes últimos 100 anos do Grande

Líbano muitos não aceitaram que uma pequena área de terra - 10.452 km quadrados - pudesse se tornar o exemplo de como o mundo deveria ser e se espelhar nele. Um território onde viviam pessoas de várias religiões e etnias, juntas e em comunhão. Um território onde a grande maioria falava quase todas as línguas necessárias para se dar boas-vindas aos estrangeiros. Um território onde uma igreja era erguida ao lado de uma sinagoga e, posteriormente, uma mesquita. Um território onde ninguém passava fome e precisasse fazer uso da violência para cobrir uma carência inexistente.

Pois é, como dizia meu pai, o Líbano era bom demais para ser verdade e um péssimo exemplo para os rancorosos que não conseguiam obter o mesmo privilégio. Quis o destino que esse pequeno pedaço de terra se encontra no meio de uma das regiões de maior conflito no planeta. Coincidência, ou seria 'maktub'?

Muitos me perguntam por que os problemas no Líbano parecem não ter fim, e a resposta é bem mais simples do que muitos querem fazer parecer. O problema do Líbano não são os libaneses, mas todos aqueles que levam seus problemas para o Líbano há muitas décadas e, de forma sorrateira, corrompem os libaneses frutos de guerras passadas, aqueles que não tiveram a oportunidade de possuir uma identidade. Gerações inteiras nasceram no Líbano, mas carregando o patriotismo de terceiros. Essas gerações não podem mais, nem devem, se manter no poder. Essa é a prática desde o início deste primeiro século de existência do Grande Líbano.

É como se o país, depois de ter estado sob o manto do Império Otomano e das leis Francesas ainda não tivesse sido libertado para gerir sua própria existência. Interesses geográficos, político/religiosos e certamente econômicos sempre foram colocados à frente dos interesses da nação e seu povo. Graças às gerações de homens nascidos durante estas aberrações e criados em tempos hoje obsoletos e ineficientes - cuja a maioria se mantém no poder desde então, fazendo um jogo de troca de cadeiras - é que o Líbano se tornou cronicamente disfuncional.

É chegada a hora de apagar esse legado caótico, com seu sistema único de governo (confessional) improdutivo e nocivo, e deixar

“ Ser libanês é fazer uso de todos os sentidos e apreciar a culinária, a música, a dança, os aromas e as belezas que nos cercam ”

que as novas gerações, nascidas em solo e pátria libaneses, gerem seu futuro. Não há mais espaço para clãs, cultos, milícias ou empresas herdeiras inadequadas e perigosas para os libaneses. O Líbano não pertence a este ou aquele alguém, ele pertence à todos aqueles que verdadeiramente o amam, pela terra, pelas águas, pela sua história de cultura, sua beleza natural, pelos seus filhos poetas, agricultores, empreendedores, médicos, engenheiros e acadêmicos reconhecidos mundialmente. O Líbano não é uma situação política, o Líbano é um legado para o mundo e como tal deve ser cuidado.

Está escrito que todo aquele que vem para ensinar, não o fará sem sofrimento, mas acredito que o Líbano já esgotou sua cota de disposição. É hora de devolver o país aos libaneses que diariamente limpam suas ruas, enceram suas calçadas e dão brilhos às suas janelas. É hora de devolver o Líbano aos milhões de libaneses exilados espalhados pelo mundo, como eu. Mas para que isso aconteça, cabe a cada libanês reivindicar sua cidadania e exercer seu poder de cidadão.

Convido aqui todo neto e filho de libaneses a procurar oficializar sua cidadania e reconstruir seu passado e história. Deixo aos meus conterrâneos desta edição da Carta do Líbano o ofício de escrever sobre sua história e recontar os fatos. A mim cabe o papel de dizer "chega!". De pedir aos libaneses no exílio que exerçam seu direito ao voto, como filhos daquela terra. É a última esperança para devolver o Líbano aos libaneses. ■

***Carol Maluf é palestrante, colecionadora e ativista do Terceiro Setor**



ESPECIAL
LÍBANO

Albino Castro

ALMA FRANCESA DO AMADO GRAND LIBAN

Bonaparte chegou ao poder com a Revolução Francesa, mas foi coroado Imperador na Catedral de Notre-Dame.

Sua paixão pelo Cairo transformaria a História do país e de muitos libaneses – meus ancestrais

“**M**aior dos grandes personagens do século 19, o corso Napoleão Bonaparte, embora ascendesse ao poder no fervor republicano da Revolução Francesa, de 1789, possuía curiosamente um apreço muito especial pelas cabeças coroadas. Ele mesmo se autoproclamaria Imperador da França, em 1804, na parisiense Catedral de Notre-Dame – como faziam as casas dinásticas gaulesas dos Bourbon e dos Orléans. Ao conquistar a Península Itálica, em 1805, criaria o Reino de Itália, no qual o seu filho Napoleão 2º (1811 – 1832) viria a ser proclamado rei de Roma.

Outro exemplo de seu monarquismo explícito ocorreu quando subjugou, em 1807, a Espanha. Ele não transformaria em república a nação ibérica. Muito pelo contrário. Despachou para Madri, no ano seguinte, seu irmão mais velho, Joseph Bonaparte (1768 – 1844), como rei de Espanha e das Índias, ou seja, das Américas e dos territórios asiáticos, entre os quais as Filipinas. Permaneceu Joseph no trono por cinco anos – até ser obrigado a abdicar devido a um levante popular.

Antes mesmo de se impor aos Bourbon madrilenhos, Napoleão havia aplastado, em 1806, a república holandesa, de inspiração calvinista, criando o reino Católico dos Países Baixos, cujo primeiro monarca foi outro de seus irmãos, Luis Bonaparte 1º (1778 – 1846). O reino da Holanda,

FOTOS: ÁLBUM DE FAMÍLIA



Albino Castro-Rabay, em agosto de 1982, na Rue Fakani, na Hamra, Beirute



Casamento de Aziz Rabay e Marie Roustan, na entrada de Beit Rabay, com parentes, familiares e amigos, no bairro de Santa Bárbara, em Zahle, em 11 de julho de 1926

implantado pelos Bonaparte, perdura até os nossos dias. E influenciou a independência belga, em 1830, com outra monarquia católica - ainda existente. A Bélgica era até então um território reivindicado, respectivamente, pela França e a Holanda. O litígio foi superado por determinação de Luis Felipe 1º de França (1773 – 1850), o rei Cidadão, que subiu ao poder pela restauração da Coroa da Casa de Orléans. O reino belga mantém até hoje, como idiomas oficiais, o francês e o holandês.

O GEORGIANO RAZZA ROUSTAN

Emergem inúmeros personagens que participaram das campanhas épicas e da derrocada napoleônica. Um deles chama a atenção de muitos historiadores, o cristão ortodoxo, Raza Roustan (1783 – 1845), o legendário Mameluk Roustan de Bonaparte, filho de pais naturais da Armênia, nascido em Tbilisi, capital da caucasiana Geórgia, chefe da guarda pessoal do empereur francês – e meu tetravô. Teria sido o mítico Roustan quem

conseguiria, em 1812, retirar Napoleão da Rússia. O georgiano, com sua indumentária oriental, e o comandante disfarçado em trajes femininos. Fugiriam para a França, onde pouco depois o Imperador seria deposto.

Roustan teve uma vida atribulada. Foi raptado, aos 13 anos, na Geórgia, por mercadores maometanos e vendido como escravo no Cairo – que vivia as últimas décadas do califado Fatímida dos Mamelucos. Dois anos depois, em 1798, quando Napoleão conquistou o Egito, foi presenteado pelo sheikh caiota com o jovem escravo de então 15 anos. Roustan permaneceria até 1814 à frente da guarda pessoal do destemido corso. Romperiam posteriormente, porém.

Ele moraria até a morte na cidade francesa de Dourdan, a 40 quilômetros de Paris, casado com uma italiana que conhecera na campanha no Bel Paese. Foi enterrado no pequeno cemitério da cidade, que recebe, em todas as estações do ano, admiradores de diversas partes do planeta. Eu

estive lá, acompanhado de minha esposa, dona Andrea Wolffenbüttel, em uma chuvosa manhã de outono, em novembro de 2003.

NAPOLEÃO E A INFLUÊNCIA EGÍPCIA

A expedição de Napoleão ao Cairo marcaria para sempre sua trajetória. Encantou-se, profundamente, pela cultura do Egito, com suas milenares pirâmides e esfinges. Enviaria ao Cairo artistas e pesquisadores e levaria, para a França, preciosas peças, especialmente o obelisco que adorna a monumental Place de la Concorde, em Paris. Napoleão jogaria nova luz sobre o Império dos Faraós. Inspiraria o surgimento do Orientalismo nas letras francesas e o despertar, no século 20, do nacionalismo árabe, formulado pelo intelectual sírio Michel Aflak (1910 – 1989), cristão ortodoxo damasceno, e que teve seu auge no Egito nasserista das décadas de 1950 e 1960.

Marcaria igualmente minha história familiar a épica passagem de Bonaparte pelo Egito. Um dos filhos do lendário Roustan de Bonaparte, François Roustan, trocava Dourdan pelo Cairo e ali se casaria com uma libanesa, minha trisavó, da família Ackawi – católicos melquitas de Zahle. Sua neta, Marie Ackawi Roustan, minha avó, desposaria, por sua vez, o zahliota Aziz Rabay, meu avô materno, em 1925, na Igreja de Santa Barbara, no tradicionalíssimo quartier do mesmo nome na região cêntrica de nossa amada Zahle.

Aziz era filho de Youssef Rabay, de origem húngara, e da libanesa Saada Dwailibi. Marie e Aziz passaram a viver entre Beit Rabay, mansão zahliota até hoje de nossa família, e o Brasil – onde os Rabay possuíam comércio em Recife e Salvador.

“ Tornei-me, assim, estudioso dos cristãos do Oriente e de seus protetores, a França, inspiradora do Petit Liban e Grand Liban ”

“ Fui educado sob a influência de um universalismo que me incentivaria a estudar História e aprendi a amar todos os povos ”

Minha mãe, filha de Aziz e Marie, nasceria em Recife e ainda muito criança seria levada para Zahle. Estudou no Collège Saint Joseph, dos lazaristas, em Antoura, ao norte de Beirute, e, mais tarde, ao mudar-se para o Cairo, no Collège Sacré-Coeur, no bairro de Heliópolis, no qual viviam os Roustan. Ambas são instituições católicas de ensino.

A EXPERIÊNCIA DE UMA MESA COSMOPOLITA

Nasci em Salvador, onde minha mãe havia se casado, em 1948, com o joalheiro espanhol da região da Galícia, Albino Castro, de quem orgulhosamente herdei o nome. Cresci em meio ao universo cosmopolita de meus pais, marcadamente à mesa, na qual conviviam em harmonia, durante os anos de minha infância e adolescência, o delicioso Cocido Madrileño, com muitos garbanzos (grãos-de-bico), e a Empanada Gallega, dos Castro; o quibe zahliota, frito, assado, cru ou na coalhada, dos Rabay, a divina sauce de maionese dos Roustan; e, na Semana Santa, o baianíssimo e sincretista Vatapá – empapado de azeite de dendê. O que não era nada comum à época. Principalmente na capital baiana.

Fui educado sob a influência de um universalismo que me incentivaria a estudar História. Aprendi a amar todos os povos e continentes, mesmo à distância, desde pequeno, neste lado do Atlântico. Tornei-me, assim, estudioso dos cristãos do Oriente e de seus protetores, a França, inspiradora do Petit Liban, do século 19, e, há 100 anos, do amado Grand Liban. Seguiria para a Europa nos anos 1970, como correspondente de “O Globo” - pouco depois da explosão da última guerra civil libanesa (1975 – 1990). Foi enviado, inicialmente, para Madri e, depois, para

Roma, onde me tornaria também ‘vaticanista’ e, em 1986, ingressaria na Telemontecarlo, iniciando minha trajetória na televisão.

Estive em 1982 por três meses em Beirute, capital do Líbano, de julho a setembro, durante o insuportável verão do Oriente Médio, cobrindo um dos momentos mais dramáticos do conflito. O Líbano, dos Rabay, Ackawi e Dwailibi, bem como de nossos primos Skaff, Hariz e Armani, tinha se tornado um microcosmo do quebra-cabeça geopolítico do planeta. Palco da intransigência religiosa e dos acertos de contas da Guerra Fria – que, embora não imaginássemos, começava a entrar, inexoravelmente, em declínio. Participavam do confronto diversas forças estrangeiras. Estavam ao lado dos muçulmanos cerca de 300 mil refugiados palestinos, sob as ordens do cairota Yasser Arafat (1929 – 2004), bem como guarnições ‘voluntárias’ provenientes do Iraque, Egito, Líbia e europeus vinculados, por exemplo, às organizações terroristas do grupo Baader-Meinhof, da outrora Alemanha Ocidental, e às Brigate Rosse (Brigadas Vermelhas), da Itália.

Também estavam nos campos de batalhas os exércitos de duas potências vizinhas – a Síria, espécie à época de ‘linha-auxiliar’ dos extremistas palestinos mais vinculados a Moscou, e Israel, que acabara de invadir o Líbano, numa ofensiva batizada, ironicamente, de ‘Paz na Galileia’.

Os embates aconteciam em torno ao Bois de Beyrouth. Dentro da milenar metrópole libanesa, quase completamente destruída, existiam apenas duas passagens, ao longo de sua Linha Verde, que ligavam, quando havia um eventual ‘cessar fogo’, a região islâmica, onde estava o quartel-general da OLP (Organização para a Libertação da Palestina), à Rue Fakani, na central Hamra, e o extenso bairro cristão de Achrafieh. O principal cruzamento era a Passage du Musée, grafado assim em francês, exatamente junto ao esplêndido Museu Sursock, de arte contemporânea, criado pela notável família cristã ortodoxa de mesmo sobrenome, e a pouquíssimos metros do monumental Museu Nacional, de arte antiga, que reúne a própria História da nação.

A outra travessia era a da Gallerie Semaan – próxima à estrada de Beirute a Damasco, capital da Síria. Chamava-me especialmente atenção, sempre

“ Monarca generoso, conforme seu epíteto, Dom Pedro 2 abriria os portos brasileiros à imigração de milhares de libaneses ”

que transpunha a Linha Verde, há 38 anos, ver o Sursock intacto em meio ao cenário desolador da guerra. Voltei a Beirute mais duas vezes, durante o conflito, e já em dezembro de 1990, com o final dos embates, pude constatar que os museus Sursock e Nacional continuavam preservados e eram motivo de orgulho para todos os contendores.

E, justamente por isso, fiquei ainda mais chocado com as devastadoras explosões em Beirute na tarde de quatro de agosto último – destruindo bairros inteiros que haviam sido parcialmente preservados nos dramáticos 15 anos de guerra civil. Atingindo, inclusive, o Sursock. Comoção que despertou, mais uma vez, a solidariedade da França, demonstrada com a visita do presidente Emmanuel Macron, dois dias depois, ao local da tragédia.

NO BRASIL DESDE OS FENÍCIOS

A pequena pátria dos belíssimos cedros, no Mediterrâneo Oriental, espremida entre Síria e Israel, com pouco menos de sete milhões de habitantes, foi a nação a enviar ao Brasil, proporcionalmente, população mais numerosa do que Itália, Espanha, Alemanha, Japão e, quiçá, o próprio colonizador Portugal. Seus imigrantes, habilidosos comerciantes, percorreram, como mascates, todos os estados brasileiros, em lombo de burro, vendendo bugigangas de porta em porta, criando, na prática, o nosso mercado interno. Estão nas 27 unidades federativas e, na maioria delas, um de seus descendentes, já foi eleito governador. Sendo que o paulista Michel Temer, alcançou a Presidência da República.

Muitos acreditam que, dezenas de séculos



Em Zahle, Youssef Rabay e Saada Dwailibi com os filhos, em 1892. O garoto sentado no chão é Aziz, avô de Albino

atrás, os fenícios, ancestrais dos libaneses, teriam descoberto o Novo Mundo, atravessando o Atlântico com seus velozes barcos à vela, deixando, no alto da Pedra da Gávea, no Rio de Janeiro, inscrições em sua língua semítica. Mas, quanto a isto, não há constatação científica. Existe, sim, comprovação que o Paço de São Cristóvão, onde viveu a Família Imperial portuguesa, quando, em 1808, transferiu-se para o Brasil, foi presente de um próspero comerciante libanês no Rio de Janeiro, Antún Elias Dibb, ao então Príncipe Regente Dom João 6º (1767 – 1826) – segundo relata em diversos ensaios o maior dos intelectuais libaneses no Brasil do século passado, o escritor Mansur Challita (1919 – 2013), de família católica maronita, ex-embaixador da Liga Árabe em Brasília e tradutor do islâmico Alcorão para o idioma de Luis de Camões (1524 – 1580).

Nasceriam no Solar de São Cristóvão, presenteado por Dibb, a futura rainha de Portugal, Dona Maria 2ª (1819 – 1853), a Educadora, e o

Imperador do Brasil, Dom Pedro 2º (1825 – 1891), o Magnânimo - ambos filhos do Imperador Dom Pedro 1º (1798 – 1834) e da Imperatriz Dona Leopoldina (1797 – 1826), pertencente à dinastia vienense dos Habsburgo.

Monarca generoso, conforme seu epíteto, Dom Pedro 2º (1825 – 1891) abriria os portos brasileiros à imigração de milhares de cristãos do martirizado País dos Cedros, no final do século 19, após sua memorável visita à Terra Santa, em 1876, quando conheceu Beirute e o bíblico Monte Líbano, comovendo-se, sobretudo, com o calvário dos maronitas - seguidores do monge católico do século 4, São Maron, que tinham resistido ao cerco dos exércitos islamitas por quase 800 anos, sem renegar a fé, entrincheirados nas soberbas montanhas nevadas. Base do histórico Petit Liban e alicerce do Grand Liban - atual Líbano. Uma criação dos homens livres libaneses sob inspiração da França. Síntese de minha própria trajetória familiar. ■



ESPECIAL
LÍBANO

Roberto Habib

LÍBANO 1920/2020

Mensagem de esperança e realizações positivas para todo o mundo

“**H**á um adágio usado por um prestigioso veículo da imprensa brasileira, que diz que tudo pode mudar a qualquer momento. Isto aconteceu em relação a este texto solicitado pela revista Carta do Líbano, órgão que congrega todo o universo libano-brasileiro. No dia da solicitação do ilustre diretor, o texto versaria sobre o centenário da Proclamação do Estado Libanês, já sob o mandato francês. Imediatamente ao pedido de elaboração, eclodiu a impressionante explosão em Beirute, próximo ao seu porto, local nevrálgico da sua economia.

Infelizmente tal tragédia não foi novidade no panorama libanês, cujo povo se acostumou à essa rotina deletéria de explosões e atentados, habituando-se, ato contínuo, a um trabalho de recuperação social e reconstrução arquitetônica.

Particularmente, nessa impressionante explosão, que deflagrou mais um desastre, houve a superposição de problemas extremos, alguns novos como a pandemia da Covid 19 e outros constantes no cotidiano libanês, como a insatisfação popular diante da insuficiência governamental para atender

às necessidades civilizatórias, o que conduz à instabilidade política.

Constata-se então, que a destruição atual de Beirute é mais um capítulo macabro da saga libanesa, somando-se aos anteriores deflagrados por questões internas e externas, estas em decorrência da inserção libanesa em uma região belicosa e conflagrada.

A terra de Gibran portanto, a par de suas belezas naturais, tem em seu povo altivo, culto e feliz, o fundamento para a superação dos óbices, provocados por uma posição geopolítica problemática, refletindo-se nas contradições internas de sucessivos governos, resultantes de sincrônicas pactuações que tentam conciliar tendências incontornáveis, buscando neutralizar, em um só espaço, ideologias de todos os matizes, gerando conflitos próprios de uma convergência impossível em tal situação.

A população libanesa, como em outras ocasiões, busca atualmente condições ideais para manter seu ritmo de vida, baseado na cultura civilizatória, herdada de seus ancestrais. O que lhes permitiu resistir em momentos conflituosos e atentatórios ao equilíbrio social, durante sua longa história de luta pela paz e pelo progresso.

Falar deste centenário é revisitar os momentos conflituosos e prejudiciais à vida dos libaneses e da



Professor Roberto Habib: “O Líbano sempre ressurgiu das cinzas como a fênix”

disposição destes para manter-se com princípios elevados.

É estranho para os que desconhecem o cotidiano libanês constatar a simultaneidade de confrontos bélicos em uma determinada região e a vida próxima da normalidade de segmentos populacionais. Estes exercem suas atividades naturais, festejando, nada mais, nada menos, o próprio privilégio de estar vivo, o que não constitui uma irresponsabilidade social e sim uma reação aos que tentam lhe negar o direito à vida, da qual o povo libanês não prescinde pela sua resiliência própria dos fortes.

O que parecia desviar o foco da proposição feita por esta publicação, na verdade apenas confirmou o destino deste pequeno grande país de vivenciar uma sucessão de fatos, alternadamente, auspiciosos e melancólicos e, às vezes simultaneamente. O que comprova o forte espírito dos libaneses em reagir às adversidades, recompondo-se rapidamente em busca de sua lendária história.

De 1920 até os dias atuais, o Líbano sempre ressurgiu das cinzas como fênix, superando as investidas externas e a falta de clarividência e, por vezes, de espírito público de suas elites governamentais. Explica-se esta ressurreição por uma simples razão: o Líbano são os libaneses, de sua extensão territorial e da diáspora, que

se igualam e se perfilam diante de sua bela e simbólica bandeira para cantar, vivenciando-o, o seu hino nacional, fazendo parte deste grupo altaneiro apenas os que se respeitam, independentemente de ideologias de quaisquer naturezas, num autêntico processo democrático.

Que o povo ensine aos que se propõem a conduzi-lo, que o façam, respeitando o designios grandiosos destes libaneses que, com sua sabedoria, fé e trabalho, fizeram da sua terra uma mensagem de esperança e realizações positivas para todo o mundo - que aprendeu a amá-lo e a respeitá-lo.

Tudo isto nos traz a certeza daquela aparente previsão otimista. Os libaneses, como em ocasiões anteriores, reconstruirão o Líbano, para o bem de toda a humanidade, que usufrui do denodo dos libaneses que emigraram para todos os pontos do planeta, consolidando nos países de adoção suas vidas, constituindo novas famílias e, ao mesmo tempo, colaborando para o progresso das nações que os receberam de braços abertos.

Que Deus proteja o Líbano e todos os que esperam, com otimismo, a sua recuperação! ■

***Roberto Habib foi diretor do Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro**



ESPECIAL
LÍBANO

Alfredo Karam

UM “VIVA!” PARA O POVO LIBANÊS

O ex-ministro celebra a história de um país pequeno, porém vigoroso, e sua contribuição para o mundo

“**N**a ocasião em que se comemora o centenário de Proclamação do Grande Líbano, vejo como oportunidade reverenciar o povo desse país, enaltecendo seus ancestrais e suas origens fenícias - grandiosa civilização que imprimiu marca significativa na História Universal.

Por volta de 3.000 a.C. os fenícios habitavam a costa oriental do mar Mediterrâneo, as terras que atualmente compreendem os territórios do Líbano e Síria. Eles se tornaram os maiores navegadores do Mundo Antigo, desbravando mares, expandindo o comércio com outros povos, chegando mesmo às costas da África e da Europa. Há mesmo quem considere foram também os primeiros a atingir o Novo Mundo.

Como exímios navegadores, organizaram grandes expedições, praticamente estabelecendo

um monopólio do comércio oriental.

Aceita-se que aquele esse povo fortaleceu sua civilização na expansão marítima, aperfeiçoando técnicas de navegação através da observação dos astros da esfera celeste.

Dentre seus feitos destacam-se a construção de grandes embarcações, aproveitando a madeira dos gigantes cedros, além da arte de fabricar vidros e a indústria da purpurina. Muitos consideram que a mais notável de suas realizações teria sido o alfabeto, cuja adoção permitiu uma escrita sem maiores esforços, facilitando a leitura e a comunicação entre os povos ao redor do mundo. É inegável, portanto, a contribuição dos fenícios - atuais libaneses - nas páginas da saga humana.

Com o decorrer dos anos nota-se que seu território, estrategicamente localizado, foi palco de diversas incursões e invasões: romanos, árabes, cruzados, turcos, ingleses e franceses, dentre outros.

A história libanesa tem sido marcada por

períodos alternados de estabilidade política e convulsões, entremeados com a prosperidade adquirida pela posição de Beirute, considerada um centro de operações financeiras e negócios. Muitos qualificam o Líbano como “a Suíça do Oriente Médio”. Contudo, a despeito das adversidades sofridas, o povo libanês tem demonstrado acentuada capacidade de recuperação.

Porém, sem a existência de uma indústria vigorosa e significativa, bem como de um comércio forte e atuante e oportunidades de trabalho físico e intelectual - fatores para a fixação de sua população no território - um número considerável de libaneses, desde há muito, emigram para outras nações. E até os nossos dias prosseguem dando provas de que podem ser considerados, por natureza, gente esforçada, ponderada e constante, qualidades que despontam nas nações mais adiantadas da atualidade.

Neste momento em que se comemora o

centenário de fundação de um país pequeno em dimensões geográficas, mas pleno de riquezas em exemplos e tradições, é com prazer e por um dever de justiça que homenageamos todos os libaneses. ■

***Alfredo Karam é almirante-de-esquadra brasileiro. Foi ministro da Marinha no governo João Figueiredo (1979-1985)**

“**Contudo, a despeito das adversidades sofridas, o povo libanês tem demonstrado acentuada capacidade de recuperação**”

O almirante-de-esquadra Alfredo Karam





ESPECIAL
LÍBANO

Katia Hakim Chalita

UMA GRANDE CIVILIZAÇÃO

Descendente da primeira geração de imigrantes libaneses no Brasil, a escritora e tradutora fala de um país único com uma riqueza cultural incomparável

“**O** que tem o Líbano de tão especial que o faz tão grande, embora territorialmente pequeno? Tão misterioso, apesar de decifrável? Tão forte, embora assaz agredido por incidentes e acidentes? E tão arrojado e contemporâneo, apesar de suas muitas e sólidas tradições históricas?

Busco essas respostas a cada vez que vou ao país dos Cedros de Deus e a cada momento em que recebo notícias sobre a pátria dos meus ancestrais. É na sua composição única e particular, na sua história rica e incomparável que podemos encontrar, em parte, as explicações.

Nasci de uma família inteiramente libanesa: pais, avós, bisavós, tataravós, tios, tias... todos os meus antepassados e ancestrais são libaneses. Mesmo nascida no Brasil, meu berço genético, simbólico e metafórico

é integralmente libanês. Desde que abri os olhos para este mundo, convivi diariamente com os falares, os valores, ações e reações de minha família libanesa.

Meu avô Chalita Saade chegou ao Brasil na década de 1880, vindo de Beit Menzer, vilarejo no Norte do Líbano, como o fizeram tantos compatriotas que fugiam do domínio otomano e da falta de condições de trabalho e de vida digna, não hesitando em deixar para trás a família, suas raízes e sua história.

Os primeiros que aqui chegaram, como meu avô, logo se punham a criar as bases do trabalho e da adaptação ao novo país, provando ao mundo que libaneses são feitos de matéria especial, que não se intimidam quando se trata de chegar, ver e vencer. E não tardavam a trazer do Líbano os filhos que lá ficaram, a começar pelos mais velhos que, ao chegarem, já entravam na marcha corrente do trabalho cavado, iniciado e, muitas vezes, já sedimentado pelo pai.

FOTO: GIOVANNA FRANCE



Katia Chalita: homenagem ao admirável e Grande Líbano

Com meu avô começa a história da família Chalita Saade no Brasil, quando ele se instala na cidade de Conceição de Macabu, no norte do Rio de Janeiro, e traz o filho mais velho Youssef para ajudá-lo nos negócios e no comércio de produtos e tecidos. Mais tarde, chama os filhos Hanna e Sayd Chalita Saade, este último o caçula, meu pai.

Com o crescimento e a prosperidade dos negócios no interior do Estado, João e Sayd se mudaram para a cidade maravilhosa, abrindo uma loja de tecidos na Praça da República, no centro do Rio. Transformaram-se nos maiores atacadistas de tecido na cidade, vendendo também grandes fardos de mercadoria para outras regiões do Brasil. E assim, os filhos de Chalita Saade tornaram-se referência para os imigrantes que vieram do norte do Líbano para o Rio de Janeiro, aos quais estendiam a mão e acolhiam para que começassem sua vida no Brasil.

Hoje, muito me orgulha saber que meu avô, meu pai e meus tios desbravaram sem medo e ajudaram a construir com coragem a terra brasileira que os acolheu. E foram erguendo os alicerces de sua nova vida no continente sul-americano, trazendo mais familiares, casando-se e dando à luz novos libaneses-brasileiros. Tal como fez meu pai, que voltou ao Líbano, em 1950, para buscar minha mãe, Juliette Farid Hakim, com quem se casou e fixou residência no Rio de Janeiro.

Uma questão sempre me intrigava quanto à transmissão da língua materna aos filhos desses arrojados libaneses: em atitude semelhante à de muitos de seus compatriotas, meus pais não julgaram importante ensinar a língua materna às filhas, reservando-a, ao contrário, como código de comunicação particular entre si, quando não desejavam ser compreendidos pelos filhos. Sempre me indaguei os motivos desse encobrimento de uma língua e cultura tão ricas. Hoje entendo que era uma questão de verdadeira sobrevivência. Residia na necessidade de se aculturar com a máxima brevidade, de ser aceito sem hesitação no recente país de acolhida. Dessa estratégia fazia parte mostrar rápido domínio da língua portuguesa e a total capacidade de aqui viver e conviver com brasileiros.

Mas eis que tivemos a sorte, minha irmã e eu, de viajar ao Líbano pela primeira vez aos 6 e 8 anos de idade, para finalmente conhecer aquela terra de nossos pais, tão longínqua, que abrigava uma língua tão enigmática, e onde anos antes nasceram e

“ Berço do alfabeto e da mais antiga cidade do mundo, arena da união de gregos e romanos, palco de milagres do Cristo ”

casaram-se nossos pais. Os seis meses que lá passamos nos permitiram mergulhar num rico e multifacetado caldeirão cultural libanês e, de presente, decifrar e aprender o código que ouvíamos no cotidiano e tentávamos arduamente desvendar: a língua árabe.

Uma viagem inesquecível e incomparável em inúmeros aspectos, mas, especialmente, pelos contrastes com o Brasil, a única terra que conhecíamos até então, e pela prazerosa imersão em uma cultura que se revelava dia a dia mais surpreendente e, paradoxalmente, bem conhecida, já que sempre esteve presente em nosso cotidiano familiar no Brasil. Nunca, porém, tão intensa quanto estar no seio de uma genuína família libanesa, nas montanhas do norte do país, compartilhando do dia a dia, das refeições, dos falares, das ações e reações de libaneses de raiz. Um mergulho em nossa história e identidade, que todo descendente de libaneses deveria experimentar. Voltei ao Líbano outras tantas vezes, consolidando meu “falar libanês” e estreitando os laços afetivos e culturais com o país.

Com a celebração do Centenário do Estado do Grande Líbano, me vem à mente o quanto esse pequeno país é imenso em conhecimento e história, gigantesco em educação e cultura, impressionante na capacidade de se reerguer e se reinventar. Berço do alfabeto e da mais antiga cidade do mundo, arena da união de gregos e romanos, palco de milagres do Cristo e da passagem de povos e culturas.

Minha homenagem ao admirável e Grande Líbano! ■

***Katia Chalita é educadora, escritora, tradutora e consultora nas áreas de Comunicação, Cultura e Educação. Sócia diretora da Ákbar Assessoria e Consultoria. Preside a Aliança Francesa do Rio de Janeiro e o Instituto de Cultura Brasil Líbano**



CARMO COURI

Engenharia Ltda

Av. Álvares Cabral, 1345- 10º andar | Lourdes
Cep 30.170-001 | Belo Horizonte- MG

(31) 3299-3000

E daqui pra frente?



O Safra só é o Safra porque,
há mais de 175 anos, está
sempre pensando sério
no “daqui pra frente”.

Nossos especialistas têm
um cuidado especial a cada
escolha e a cada movimentação.

Daqui pra frente,
repense seus investimentos.

Abra sua conta agora.
Invista como
um especialista.



Safra